



PORTE PAGO

Ilustração: Sónia Silva



## Festas de Natal

Pág. 6 e 7



## À volta de uma entrevista...

## DN esclarece e informa

- ◆ Reuniões no Ministério da Defesa
- ◆ Furriéis
- ◆ D.L. n.º 167/2005
- ◆ ADFA-Solidária II

Pág. 8 e 9

## SEIXAL

## Dia Internacional da Pessoa com Deficiência

Pág. 4



## Reflectindo



"...um homem com alma, dignidade, sentimentos e nome!"

Pág. 3

# TAÇA NACIONAL EM BTT 21 JANEIRO 2006



■ II Seminário  
ACIME

■ Delegações

Pág. 7

■ CRPG - à primeira  
vista (IV)

Pág. 12

Pág. 2



## Notícias

### II Seminário Internacional da ACIME

No dia 15 de Dezembro decorreu em Madrid o II Seminário Internacional "Discapacidad y Ejército: nuevas perspectivas" organizado pela Asociación de Caballeros Inválidos y Mutilados Militares de España (ACIME), com a presença de delegações estrangeiras. Pela França esteve a Union Française des Anciens Combattants (UFAC), presidida por Jacques Goujat, também vice-presidente da FMAC, por Marrocos o Alto Comissariado dos Antigos Combatentes de Marrocos, presidida por El Mostafa El Ktiri, também presidente da Comissão Permanente para os Assuntos Africanos da FMAC, e por Portugal o presidente da DN, Patuleia Mendes e o 1.º secretário da DN, Nuno Santa Clara, também membro do Conselho Geral da FMAC.

A deslocação das delegações estrangeiras fez-se a convite da ACIME, como já tinha sucedido com o I Seminário, em 2003.

O Seminário começou com uma sessão de abertura presidida pelo general de Exército D. Rafael Barbudo Gironza, comandante do Pessoal do Exército (equivalente ao nosso general Ajudante General do Exército), com intervenções de D. Mário Garcia Sanchez, presidente da Comissão Espanhola de Representantes de Pessoas Diminuídas (CERMI) e da Comissão Coordenadora Estatal de Diminuídos Físicos de Espanha (COCEMFE), e de D. Antonio Nuñez Garcinuño, presidente da ACIME.

Na 1.ª Mesa, subordinada ao tema "Situação da deficiência nas Forças Armadas e antigos combatentes num mundo globalizado", intervieram Jacques Goujat, da UFAC, El Mostafa El Ktiri, de Marrocos, e Patuleia Mendes, da ADFA.

Seguiu-se uma exposição sobre "A actuação das Forças Armadas no âmbito internacional", pelo tenente-general

D. Pedro Pitarch Bartolomé, director da Política de Defesa.

Na 2.ª Mesa, subordinada ao tema "Sociedade e Exército. Reflexões sobre a deficiência", intervieram o presidente da Associação dos Militares Espanhóis (AME), coronel D. José Conde Monje, e o 1.º Secretário da ADFA, Nuno Santa Clara, que fez um historial sobre os deficientes militares durante o século XX.

Foram feitas depois uma exposição sobre "A actuação da Saúde Militar em situações de risco e catástrofes", pelo tenente-coronel médico D. Manuel Gulote Linares, chefe de uma unidade hospitalar de campanha, com cerca de uma dezena de intervenções no exterior, e outra sobre "Imagem e reconhecimento para com o pessoal deficiente do Exército", pelo general de Exército D. Rafael Barbudo Gironza, já referido, e outra ainda sobre "Deficiência, Família e Exército. Pessoas deficientes em Espanha", pela juíza sra. D.ª Purificación Pujol Capilla.

Na 3.ª Mesa, subordinada ao tema "Novas perspectivas em relação aos direitos dos deficientes militares", intervieram o assessor jurídico da ACIME, D. Bernardo Rodriguez Garcia, o senador do Partido Popular D. Ignacio Coisido Gutierrez, D. José Yusy Bastarache, juiz do Tribunal Contencioso Administrativo, e D. Miguel Angel Cabra de Luna, conselheiro económico e social do CERMI.

Encerrou o Seminário o general de Exército D. José Rodrigo Rodrigo, Grande Chanceler da Real e Militar Ordem de Santo Hermenegildo.

As intervenções e conclusões deste Seminário serão publicadas em livro, tal como sucedeu com o I Seminário, que está disponível para consulta no Centro de Documentação da ADFA. Desde já, está disponível a intervenção do 1.º secretário, em português e espanhol.

 N. Sta. C.

#### PROGRAMA INOVADOR ABRE A JANELA A GRANDES DEFICIENTES

### "Magic Key" (chave mágica) é o nome porque é conhecida a patente desenvolvida por um cientista português

A ADFA esteve presente, no passado dia 12 de Dezembro, na Associação Nacional das Famílias para a Integração das Pessoa Deficiente (AFID), aquando do lançamento nacional do programa "Magic Key", desenvolvido pelo professor Luís Figueiredo, investigador da Escola Superior de Tecnologia e Gestão da Guarda (ESTGG), em colaboração com a Associação de Beneficência Augusto Gil, presidida pela dr.ª Marília Raimundo, pessoa empenhadíssima na inclusão social das pessoas com deficiência, a qual, conjuntamente com seu marido, dr. João Raimundo, tudo tem feito para concitar os apoios humanos e financeiros necessários para que este projecto pioneiro seja uma realidade a curto prazo.

Esta Associação é uma IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social, que tem por objectivo a promoção da população do distrito da Guarda, onde está instalada, no âmbito social, cultural e recreativo, propondo-se, para a sua realização, criar valências de protecção a infância, juventude, família,

idosos e deficientes, população activa e comunidade em geral.

Na altura de apresentação, Luís Figueiredo explicou o funcionamento do "Magic Key", sistema que permite que a partir de uma vulgar "webcam" (câmara acoplada a um computador), qualquer utilizador, ainda que apenas podendo mover a cabeça e mexer pelo menos um dos olhos, possa, posicionando o rato no local desejado com um simples movimento de cabeça, usar um computador normal, seleccionar uma operação, fechar uma janela, desenhar uma linha ou estabelecer uma hiperligação. Todas estas acções, incluindo o tratamento de texto, são conseguidas a partir da fixação do olho e de movimentos das pálpebras. Os que estiveram presentes nesta demonstração, nomeadamente a representante da secretária de Estado Adjunta da Reabilitação, o presidente da Câmara Municipal da Amadora, a representante da governadora Civil da Guarda e representantes do Secretariado Nacional de Reabilitação e Integração das Pessoas com

Deficiência (SNRIPD), puderam assistir a uma demonstração prática executada por Fernando Vieira, tetraplégico, monitor de informática na APPC de Viseu, certificando as potencialidades deste programa informático, que é de facto uma verdadeira "chave" para incluir os grandes deficientes motores profundos no mundo dos cibernautas, ficando também impressionados com o entusiasmo de Luís Figueiredo que, para além de cientista, tem um coração dotado de alta sensibilidade e solidariedade, que não descansa enquanto existirem pessoas com deficiência excluídas das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e do vasto mundo que é a internet.

Por mais estranho que possa parecer, tendo sido apresentada a candidatura deste projecto ao programa "Ciência, Inovação e Tecnologia" (CITE), no âmbito de um protocolo celebrado entre o SNRIPD e a Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), o respectivo júri, de que faziam parte dois peritos indicados pelo SNRIPD e três pela FCT,

sendo um destes o presidente, o mesmo foi rejeitado por ter sido considerado um projecto de fraco valor para a inclusão das pessoas com deficiência, levando a que, mais uma vez, as TIC para deficientes desenvolvidas por cérebros portugueses sejam excluídas em detrimento de softwares estrangeiros, quantas vezes de pior qualidade e mais onerosos. Segundo expresso pelo próprio professor Luís Figueiredo, alguns interesses comerciais não serão alheios a tal decisão.

Havendo que aproveitar as potencialidades deste cientista português, terão agora, logo que sejam definidas prioridades e vontade política, que ser criadas condições para que o mesmo se dedique a tempo inteiro à investigação, do que, certamente, resultarão não só benefícios para as pessoas com deficiência, como também para Portugal, ao poder ombrear com qualquer outro país europeu nesta importantíssima área do conhecimento e da realização técnica.

*José Arruda/Lopes Dias*

#### FORÇAS ARMADAS - INFORMAÇÕES - Pagamento de próteses na Marinha

Por indicação de um associado, e a pedido dos respectivos serviços da Marinha, difundem-se algumas informações sobre o pagamento de reparações de próteses, ortóteses e outros meios auxiliares.

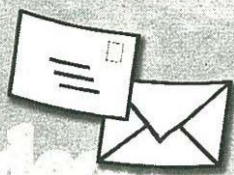
As reparações devem ser prescritos pelos serviços de saúde da Marinha e mandados executar em firmas da especialidade. Para pagamento das despesas,

deverem ser apresentados: - A ordem de reparação; - Documento da firma, descrevendo a reparação; - Lista das peças substituídas, com preços; - Recibo total, em nome do Hospital da Marinha (HM)

O pagamento pode ser feito por duas formas: - Não pagando de imediato à firma (caso esta aceite essa forma de pagamento) e fornecendo aos serviços da Marinha o

NIB da firma, sendo o pagamento feito de imediato por transferência bancária; - Pagando à firma, devendo esta passar o recibo em nome do HM (Departamento Financeiro), sendo o DFA ressarcido no seu domicílio através deste Departamento, no prazo de cerca de duas semanas. - Não pode ser esquecido que os recibos devem ser passados em nome do Hospital da Marinha.

# Cartas do Mundo



## Talvez tivesse chegado...



José Maia

À hora do costume. Vinte horas de todos os dias. Comando de TV, patilha em posição de rajada. De repente, já nem sei em que canal, também pouco interessa, vejo uma rua numa qualquer cidade dessas por aí onde se filmam e projectam candidatos a Presidente dum País, que por acaso é o meu, onde vivo e em nome do qual me forçaram a dar a juventude. O país em nome do qual me é sugada a algibeira com impostos e taxas!...

Café na real, olhos fixos no ecrã, como que hipnotizado ouvindo e vendo o que passa no televisor – tento manter um ar normal de pacato cidadão lubrificado à hora do jantar por cavalheiros engravatados. Sou um dos muitos que visto roupa simples e discreta, mas lavada. Já tenho cabelos brancos, muitos, e as costas já dão mostras de dobrar. Coisas que já não me valem de garantia para a carteira onde mostro o cartão da dignidade, esta que continua bem direita e na vertical.

Eram umas não sei quantas da tarde, numa cidade de Portugal, numa rua, não interessando o nome, o aparelho ali três metros à minha frente, eu vi um homem...

Boina tipo militar na cabeça, gritando e apontando o dedo acusador ao ilustre passante: os gritos daquele cidadão confundiam-se com a algazarra de gente que à sua volta chamava pelo presidencial cidadão.

Ouviu-se em fundo os comentários do repórter: "Mário Soares agredido verbalmente, tentativa de agressão por parte de ex-combatente!..." De olhar perdido, quem sabe se completamente esquecido. Um lenho na alma que lhe transfigura o rosto, o

homem grita sacudido selvaticamente pela indiferença de quem passa e que não sabe o que foi ser combatente. O homem continua gritando, quem sabe, apenas e só a perguntar, porquê?

E o senhor candidato seguiu indiferente, um pouco mal disposto, braços no ar, sorrisos à esquerda e à direita, esquecendo que aquela voz que se ouve e lhe grita sente-se enganada e a sua alma está ensanguentada. Baixo o som do televisor e sinto-me sozinho e amargurado, como se fosse aquele homem e a noite lá fora parecia ser já tão longa. Num arrepio contive-me e não gritei. Como queria acompanhar os gritos daquele homem.

Aquilo que vira e ouvira não fora uma ofensa. Foi um uivo de dor e de revolta de quem alguém se serviu. E ali à volta, fingiu-se não ouvir nem ver. Apenas o que interessava ao candidato que, com um encolher de ombros, continuou sorrindo aos súbditos – Pois é. Paris não é a bolanha da Guiné, a mata de Angola, a picada de Moçambique.

Ai, ai o exílio da cidade - Luz... E lá seguiu o candidato e eu pregado ao televisor sem saber se terá pensado por um momento sobre o que precisaria o autor dos gritos.

Sabe-se lá se, sem dinheiro para a farmácia, sem direitos sociais, sem se conseguir libertar dos sons das explosões... E o candidato seguiu. A hora é de propaganda.

Siga a campanha. Sorriente, gentil e profissional.

O homem dos gritos? Apenas um atrasado mental!

Mas àquele desconhecido de boina militar, talvez tivesse chegado que lhe tivessem perguntado: quer ajuda? Mas não. O cortejo seguiu e também os sorrisos e apertos de mão. Apertei o botão e foi-se a imagem e o som. Sinto-me preocupado e não é comigo.

## Reflectindo



Em Dezembro, fomos confrontados com dois factos mediatizados pela comunicação social, e que, cada um a seu modo, tocaram profundamente a nossa solidária sensibilidade de deficientes militares:

Um deles, reportava a chegada, ao Hospital Militar Principal, do 1.º cabo gravemente ferido no Afeganistão, vítima do já noticiado rebentamento de um engenho explosivo, em 18 de Novembro passado, e de cuja deflagração resultou também a morte de um outro militar; o outro, por via de uma reportagem televisiva em directo, emitida a partir do Jardim da Estrela, que divulgou a queda de um camarada nosso do 3.º andar do edifício principal daquele mesmo hospital.

E se o primeiro daqueles acontecimentos nos devolveu à memória a evacuação dos hospitais de Bissau, Luanda ou da Lourenço Marques de então, velada pelo secretismo vergonhoso e envergonhado de um regime que escondia as sequelas da sua guerra, o segundo é consequência desse abandono, que o próprio "25 de Abril" nunca resolveu, confessemos, e que, ultimamente, se vem agravando sobremaneira.

O "72.3" é um cego da guerra colonial, ao qual não bastou a grande deficiência nos verdes vinte anos, pois a forma como a sociedade e a própria vida o votaram, no seu percurso posterior, à indiferença de fria madrastra, acabariam por avolumar a solidão interior de quem, tendo janelas, já perdeu o gosto de olhar por elas e através das quais ninguém se dá ao cuidado de reparar no que vai lá dentro. E o "crack" deu-se!

Três décadas a carregar uma profunda deficiência, os reflexos lúgubres das cenas de guerra, os problemas avolumados de uma vivência complexa, uma passagem prematura à inactividade e alguma insensibilidade de todos nós, dirigentes e associados, levaram a alguma destruturação psicológica que para um cego, e pensamos nós que por esse mesmo facto, levou ao seu internamento no HMP.

Sabe-se que não era esta a sua primeira permanência ali, mas é aquele o lugar próprio, digno e humanizado para o acompanhamento necessário aos problemas físicos, psicológicos e de solidão do "72.3"? Obviamente que não!

E tão verdade isso é, que na tentativa de abandonar o serviço onde o enclausuraram, ele acabou por o fazer pela janela do 3.º andar tendo, dentro do drama da situação, sido sustido por uma rede de protecção ali colocada, o que, evitando o pior, não lhe impediu a fractura de um dos fémures. A Direcção do estabelecimento foi correctamente célere a proceder à instauração do competente processo de averiguações.

Operado em ortopedia, o "72.3" regressou ao serviço anterior, o que se lamenta profundamente, onde continua a ser tratado como um "algarismo", senão vejamos o resultado da observação de duas nossas visitas, uma delas no dia de Natal, quadra em que pretendeu dar-se-lhe alta temporária, estando o paciente em estado físico que não permitiu a concretização da mesma, por impossibilidade dos seus atentos e dedicados filhos o poderem acolher, imobilizado de uma perna como se encontra:

A falta das próteses oculares (perdidas durante a cirurgia, imagine-se!), mantinha-lhe as pálpebras cerradas, o que origina o mirrar das respectivas cavidades e lhe dava um aspecto desagradável, acrescido pela falta de limpeza nessa área da face; o paciente não estava barbeado, nem de unhas aparadas e limpas, reflexo de desmazelo e abandono, fruto da falta de sensibilidade de quem deveria tratar, com todo o respeito, aquele homem que deu à Pátria o melhor que tinha, quando ela lho pediu e que, da mais exemplar e apumada forma, geriu a sua complicada vida, durante mais de trinta anos!

Agora o vaso transbordou e a nossa indignação impele-nos à revolta!

Onde está a política de acolhimento, prevista na lei, para os grandes deficientes militares? No presente deste companheiro, que queremos ver mudado a breve trecho, estamos a vislumbrar o futuro que não admitimos. Este caso paradigmático é a ponta de um "iceberg", com uma enorme profundidade e que já está a emergir no nosso dia a dia.

Tal como aquela rede física, a nossa Associação tem sido, desde a sua criação, sustentáculo para os nossos problemas, e o próprio mencionado aqui trabalhou durante mais de duas décadas; estamos neste momento a preparar o projecto "ADFA – Rede Solidária", um contributo que pretendemos apresentar brevemente e queremos ver aprovado sem burocracias. Cabe-nos ajudar a prevenir os problemas, identificá-los e localizá-los, para que, com a intervenção do Estado a quem compete a solução respectiva, casos como este nunca mais voltem a acontecer, até porque nunca esqueceremos o que o "Estado Novo" fez aos deficientes e combatentes da I Grande guerra, a partir de 1936, lançando-os para a indigência e esquecimento, até que foi publicado o democrático decreto-lei n.º 43/76, de 20 de Janeiro.

Senhor Ministro da Defesa, senhor Chefe do Estado-Maior do Exército, o "72.3" (identificação da cama a que está sujeito) é muito mais do que um número, pois ele é um homem com alma, dignidade, sentimentos e nome!

A Direcção Nacional



## Notícias

### Dia Internacional da Pessoa com Deficiência

No passado dia 7 de Dezembro, no auditório da delegação de Miratejo da Junta de Freguesia de Corroios, a Câmara Municipal do Seixal comemorou o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência acto a que estiveram presentes várias instituições da área da deficiência. A ADFA foi representada nestas comemorações pelo presidente da direcção do núcleo da margem sul, Joaquim Poeriras.



## Delegações

### PORTO

### 31.º aniversário da delegação – festejos em ambiente natalício

#### JANTAR COMEMORATIVO

Os 31 anos de acção associativa da Delegação do Porto foram comemorados de forma descentralizada e em ambiente natalício. A efeméride tem lugar em Dezembro, e assinala a primeira reunião de deficientes militares, no então Regimento de Infantaria do Porto, para criarem uma delegação da ADFA na cidade do Porto.

A comemoração teve o seu ponto central no dia 7 de Dezembro com a realização de um jantar comemorativo no refeitório da delegação, que reuniu, tal como nesse já longínquo ano de 1974, cerca de cem participantes, entre associados e familiares.

Para além dos representantes da Mesa da Assembleia Geral Nacional e do Conselho Fiscal Nacional, respectivamente Manuel Ferreira e Cotrim Viana, esteve presente o presidente da Direcção Nacional, Patuleia Mendes que, no decorrer da alocução aos presentes, enalteceu o papel da delegação no contexto nacional da ADFA e deu a conhecer as principais medidas relacionadas com o novo regime da Assistência Médica e Medicamentosa aos deficientes militares e suas famílias.

As delegações de Bragança, Vila Nova de Famalicão e Viseu, fizeram-se representar, tendo as restantes enviado felicitações pela passagem de mais um nosso aniversário.

#### CONVÍVIOS DESCENTRALIZADOS

Um conjunto de convívios descentralizados teve lugar em várias localidades para comemorar este aniversário e, ao mesmo tempo, festejar os valores natalícios.

- O primeiro convívio teve lugar com a realização do já tradicional almoço dos associados dos concelhos de Arouca, Vale de Cambra e Sever do Vouga, no dia 1 de Dezembro, no restaurante em Chão-de-Ave, Arouca.

Os trinta participantes desfrutaram da companhia de um grupo local, que, com a sua alegria, animou o ambiente. Não só o fogo da lareira aqueceu a sala onde se efectuou o almoço, como se sentiu o calor humano dos que sempre estão presentes no primeiro dia de Dezembro.

- A comemoração em Santa Maria da Feira, organizada pelo núcleo local da ADFA, efectuou-se no dia 8 de Dezembro, como tem acontecido em anos anteriores.

O programa constou da celebração de uma missa na igreja de Fiães, em memória dos associados falecidos, tendo-se seguido um almoço de confraternização, num restaurante da mesma freguesia.

O presidente da Direcção Nacional e o vogal do Conselho Fiscal Nacional, respectivamente Patuleia Mendes e Cotrim Viana, associaram-se ao convívio que reuniu cerca de uma centena de associados e familiares.

A Câmara Municipal de Santa Maria da Feira fez-se representar pelo vereador dr. Emídio Sousa que, antes de abandonar o local do almoço, deixou algumas palavras de elogio para a acção desenvolvida pela ADFA nas terras de Santa Maria.

Um familiar do associado António Santos, animou os presentes ao tocar melodias, de todos conhecidas e levando os presentes a acompanhá-lo cantando ao som do seu acordeão.

- No dia 17 de Dezembro efectuaram-se dois encontros no distrito de Vila Real, um na cidade de

Chaves organizado pelo respectivo núcleo, e outro, em Alijó, organizado pelos associados Luís Moura, José Henriques e Maria Dulce.

O número de participantes, em cada um dos convívios, foi de cerca de setenta associados e familiares, o que demonstra a união existente em torno da ADFA, factor importante para o seu engrandecimento.

O encontro na cidade de Chaves foi animado musicalmente pela fadista Andreia Rio, filha da associada Lídia Braga.

Em Alijó, o almoço realizou-se num local de onde se podia desfrutar de uma vista panorâmica de grande beleza, o que proporcionou um convívio agradável.

- A comemoração foi encerrada no dia 18 de Dezembro, com o encontro do distrito de Viana do Castelo, organizado pelos associados Amâncio Barbosa, Manuel Ribas e Abel Coelho.

O evento teve lugar em Paredes de Coura, tendo-se iniciado com a celebração de uma missa na capela do Espírito Santo e continuado com a realização de um almoço num restaurante local, que contou com cerca de uma centena de participantes oriundos de quase todos os concelhos do Alto Minho.

Um grupo musical constituído por familiares dos elementos da comissão organizadora animou o convívio, exibindo as cantigas populares minhotas, acompanhadas pelos acordeões e outros instrumentos da região.

Ficou já combinado com os presentes de que o convívio do próximo ano seria organizado pelos associados do concelho de Ponte de Lima, os quais certamente não quererão ficar atrás da comissão que levou a cabo mais este encontro.

### "Arca de Natal"

A Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto levou a cabo, nos dias 16, 17 e 18 de Dezembro, num armazém da alfândega do Porto uma exposição/venda de trabalhos e produtos elaborados por instituições da cidade.

A delegação do Porto esteve presente nesta iniciativa com uma exposição de quadros e artigos de cerâmica dos utentes do Centro de Actividades Ocupacionais.

### UISEU

### Projecto "Agora Nós".

A acção social é de primordial importância para o desenvolvimento harmonioso de uma sociedade que se quer justa, que garanta a igualdade de direitos e oportunidades e sem assimetrias.

"Agora Nós", projecto acarinhado pela Câmara Municipal de Viseu, lan-

çando outros sonhos, levou cinema/mensagem às escolas, aos alunos mas também aos professores. "No Fio dos limites" e "Olhar por dentro", são dois filmes, protagonizados por pessoas deficientes, que demonstram como é indispensável uma acção

### Consultas de fisioterapia 2006 – HMR1

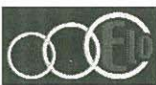
Indica-se a seguir o plano destas consultas, quinzenais, já para todo o ano de 2006: Janeiro – dias 11 e 25; Fevereiro – dias 8 e 22; Março – dias 8 e 29; Abril – dias 12 e 26; Maio – dias 10 e 31; Junho – dias 14 e 28; Julho – dias 12 e 26; Agosto – não há; Setembro – dias 13 e 27; Outubro – dias 11 e 25; Novembro – dias 8 e 29; Dezembro – apenas dia 13.

social forte, "recado" esse que foi também a essência do que se disse no debate na Aula Magna do ISP (Instituto Superior Politécnico), onde diversas instituições comemoraram o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência.

Mas a comemoração desta efeméride não se ficou por esta sessão de

esclarecimento, tendo sido complementada por diversas acções culturais, nomeadamente desporto com jovens da APPC (Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral) e exposições, nos dias 2 e 3 de Dezembro no Fórum de Viseu, e de 12 a 17 do mesmo mês no antigo Mercado

► continua na página seguinte



VICEU

▶ continuação

Municipal, tudo eventos que, integrados também no projecto "Viseu, Minha Terra Natal", contaram com a participação de alunos dos agrupamentos de escolas do concelho de Viseu, além de entidades várias, nomeadamente ACAPO, APPC, APPCDM, CDP, ECAE e ADFA.

O vereador da cultura da autarquia viseense, dr. José Moreira, diria, na sua intervenção, que o projecto "Agora Nós" pretende enquadrar todos os protagonistas da vida e ser uma escola inclusiva para todos, sublinhando que "nas dificuldades das pessoas deficientes poderemos ver as nossas!"

Defendendo uma cidade onde os espaços da vida sejam para todos, o "Agora Nós" tem como objectivo principal a criação de espaços lúdicos de socialização e comunicação entre grupos sociais económicas e heterogéneos, envolvendo não só as instituições ligadas à deficiência, mas também outras dedicadas ao acolhimento de crianças e jovens carenciados.

Todos os intervenientes, incluindo a ADFA, deram os parabéns à Câmara Municipal pela forma como trata e apoia a problemática da deficiência, para a qual não queremos um dia mas sim uma vida

Bem-haja, Câmara Municipal de Viseu!

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE DELEGAÇÃO

CONVOCATÓRIA

A Mesa da Assembleia Geral da Delegação, convoca todos os associados da delegação de Viseu, nos termos do n.º 1 do Art.º 49.º dos Estatutos da ADFA, para a Assembleia Geral Ordinária de Delegação, a realizar no dia 11 de Fevereiro de 2006, com início às 09H30, na sede da delegação de Viseu, sita na Praceta ADFA, Empreendimento das Magnólias, lote 4 -r/c Q - Bairro da Balsa, Viseu, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 - Apreciação e votação do Relatório de Actividades e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano de 2005; 2 - Análise da situação do edifício legislativo; 3 - Outros assuntos de interesse.

Viseu, 20 de Dezembro de 2005

O Presidente da MAGD
António Pais Ferreira



Table with columns for Model, P. Base, P.V.P. and rows for Audi, Opel, and Volkswagen models.

ADFA website banner with text: 'Consulte as novas moradas de mail da direcção e das delegações pag. 7'

Cartão GALP frota advertisement with text: 'Embora já feito no ELO de Outubro passado, renova-se a chamada de atenção aos utilizadores do Cartão GALFrota-ADFA...' and 'Para um melhor entendimento do processo, informa-se, ou recorda-se, que os extractos mensais são encerrados no dia 20 de cada mês...'.

A ADFACAR dispõe de informações na venda de viaturas (fornecidas com ou sem isenção) acima mencionadas, sendo extensivo a outras marcas não referidas como: BMW, Ford, Citroen, Mercedes, Honda, Skoda e Seat.



# Festas de Natal

## SEDE

70 foram as crianças, não só acompanhadas dos "nossos" avós, mas também dos pais, em grupos de famílias inteiras, que estiveram no salão do Lar Militar, no passado dia 17 de Dezembro, para a sua Festa de Natal, que havia de ser completada, no final, com um lanche no restaurante da Sede da ADFA, ao atravessar da rua.

Cedo, depois do almoço, a animação começou, com a chegada dos risos e das correrias infantis da pequenada, desejosa da sua festa, compartilhada pelo convívio entre os maiorzinhos, entre eles alguns associados que há anos não se encontravam.

Iniciado o espectáculo com danças africanas pelo grupo UESA, formado ele próprio por crianças, para além da alegria transmitida aos mais novos, também os mais velhos "sentiram" esses momentos, numa recordação do seu tempo de serviço em África, emoção que se viria a repetir... mas já lá iremos.

Seguiu-se o grupo de teatro da CERCILisboa que apresentou, acompanhado das músicas apropriadas a cada momento, uma história do cinema, exemplificada com algumas das suas mais significativas figuras, não tendo sido esquecidos, de outros tempos, Bucha e Estica, Charlot, Branca de Neve, mesmo o rato Mickey, e mais recentes, Bruce Lee, James Bond, ET, até mesmo já a série Matrix.

A finalizar esta parte do programa, exibiram-se as "Netas di Bibinha Cabral", grupo de 12 mulheres de Cabo Verde, residentes no Bairro 6 de Maio, que apresentaram canções, e danças, características daquele país, numa base de batuque em que os únicos instrumentos são as mãos e uma espécie de pequeno tambor, do tamanho (e quase a forma) de um sapato, com a boca (?) forrada a napa, não tendo faltado uma música/letra que falou "de um sentimento comum aos nossos dois povos, a saudade", sentimento esse que se percebeu que alguns dos ex-combatentes também ali viveram, no acompanhamento emocional do "crescendo" do frenético ritmo.

De salientar que todo o espectáculo, muito em especial os seus intervalos, foi ainda animado por 5 "palhassurdos" (isso mesmo, palhaços surdos-mudos), que foram entretendo e divertindo a pequenada, e também os adultos, com as suas brincadeiras e alegria, a que não faltou a sempre cobiçada feitura de

bonecos em balão, sempre sob a atenta e paternal vigilância do... Pai "Toni" Natal, claro.

Ainda antes de se passar ao lanche, como se escreveu já, no restaurante da Sede, foi feita a distribuição das lembranças, num dos momentos mais esperados da tarde.

Foram eficazes "apresentadores" de ocasião Susana Reis e José Carlos Pavoeiro, respectivamente técnica de assis-

Na ocasião usaram da palavra, por parte da DN os presidente e 1.º vice-presidente, e por parte dos trabalhadores José Arruda.

## COIMBRA

No magnífico cenário da Quinta do Outeiro, ali entre a Praia da Claridade e a Lusa Atenas tendo como vizinho o altaneiro e secular Castelo de Montemor-o-Velho, realizou-se a habitual confraternização associativa de Natal.

Estiveram presentes cerca de centena e meia de pessoas entre associados, familiares e amigos, que se deliciaram com a deliciosa ementa apresentada.

Usaram da palavra, o presidente da Direcção da delegação de e o representante da Direcção

Nacional, que apelaram à participação associativa, mostrando-se ambos satisfeitos com mais esta iniciativa.

O Girão fez uma pequena resenha das actividades da delegação, tendo o Vilares explicado as iniciativas da DN, e respectivo trabalho, passado e futuro.

## ÉVORA

Decorreu no passado dia 17 de Dezembro, em Vendas Novas, a habitual Festa de Natal da delegação.

Com a presença de 175 pessoas, entre associados, familiares e convidados, o convívio começou pelas 11 horas com uma visita guiada ao museu da Escola Prática de Artilharia, gentileza do Comando da Escola. Cerca das 13H00, no restaurante "O Prego", começou a ser servido o almoço, que contou com a honrosa presença, entre outras individualidades, o presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, José Figueira e o 2.º comandante da EPA, tenente-coronel Sardinha Dias, sendo de realçar a animação e o salutar ambiente o que imperou entre todos. Depois do conforto do estômago, seguiu-se a entrega de lembranças aos associados que completaram 25 anos de ADFA e a entrega de brinquedos aos netos presentes.

Com música ao vivo, ainda houve tempo para um pezinho de dança, que contribuiu para o ambiente festivo com que encerrou este convívio da nossa delegação

Com música ao vivo, ainda houve tempo para um pezinho de dança, que contribuiu para o ambiente festivo com que encerrou este convívio da nossa delegação

## PORTO

O Salão Paroquial do Carvalhido foi o palco da Festa de Natal realizada pela delegação, no dia 17 de Dezembro, destinada aos filhos e netos dos associados.



CASTELO BRANCO



Fotos cedidas pelas respectivas Delegações

## CASTELO BRANCO

À semelhança do que tem acontecido em anos anteriores, realizou-se no passado dia 17 de Dezembro, no restaurante Barros, no Fundão, o almoço convívio de Natal da delegação.

Fomos quase uma centena de sócios que desfrutou de

tência social na Sede e 3.º secretário da DN, tendo ainda o presidente da DN reafirmado o agradecimento a todos os intervenientes, que todos actuaram graciosamente, bem como se fez referência aos fundamentais apoios prestados por várias entidades, nomeadamente a Junta de Freguesia do Lumiar (transporte do grupo da CERCILisboa e subs-



ÉVORA

dio), a Câmara Municipal de Lisboa (material de som) e Panrico (produtos para lanche)

Ainda dentro do espírito da época, realizou-se também, no dia 20 de Dezembro, no restaurante da Sede nacional, um lanche de convívio com os seus trabalhadores, com a entrega de lembranças a todos por parte da DN, já depois de, conforme acontece há anos, alguns destes terem trocado presentes entre si.



COIMBRA

um agradável convívio e no qual pudemos contar com a presença do associado Camilo em representação da DN.

Para animar ainda mais a nossa festa tivemos ainda o prazer de cantar os "parabéns a você" á aniversariante Madalena, esposa do nosso associado José Maria Rolão.



PORTO

Sete dezenas de crianças, acompanhadas dos seus pais e avós, estiveram presentes, tendo desfrutado de um espectáculo que esteve a cargo de artistas de um circo.

O Pai Natal também compareceu e no final, foram distribuídas lembranças a todas as crianças presentes.

Nota: para as restantes festas de

Natal realizadas no âmbito da área da delegação do Porto, ver no espaço das comemorações do seu 31.º aniversário, já que as mesmas nelas se integraram.

## VISEU

Na sexta-feira, dia 16 de Dezembro, por volta das 19H00, numa noite muito

fria, própria da época, realizou-se a Ceia de Natal da nossa delegação, no restaurante "Carioquinhas", em Santo Estêvão.

Nesta quadra, das mais bonitas do ano, em que se celebra o Natal, propícia ao amor, à amizade, à paz e à união entre as famílias, foram lembrados com muita saudade todos os associados que já partiram, bem como aqueles que se

encontram doentes, no leito dos hospitais, aos quais, na pessoa do amigo Henrique Cardoso, desejamos as mais rápidas melhoras.

Aproveitamos a notícia para também desejar a todos os associados, família e amigos, um ano de 2006 repleto de felicidade e saúde, com uma forte presença em todas as acções da sua ADFA.

# Receitas

Aproveitando a já habitual contribuição natalícia da delegação de Famalicão, e a simpatia da sua funcionária, Albertina Pereira, que este ano nos deliciou com uns estupendos "Mexidos do Natal", resolveu o ELO\* lançar desafio a todas as delegações para que, uma em cada mês, nos enviassem também as suas receitas regionais. E assim, numa sequência alfabética, eis a ementa de Viseu:

## Fêveras da Beira à Moda de Mangualde

Ingredientes: 1 kg. de carne da pá de porco (pode fazer-se a quantia que se quiser), azeite, alho, louro, colorau, piri-piri, sal, a gosto.

Confecção: põe-se um tacho ao lume com o azeite e quando este estiver bem quente, junta-se-lhe a carne (que, temperada de véspera, já deve estar cortada, de preferência aos bifeinhos). Deixa-se cozinhar muito bem, e quando estiver quase pronta, deita-se um copo de vinho tinto, deixando ferver mais um pouco, após o que está pronta a servir. Acompanhar com batata cozida, hortaliça e também com morcela caseira da região.

## Bolo de álcool

Ingredientes 250 g. de açúcar, 250 g. de margarina, 250 g. de fécula de batata, 7 ovos, 6 colheres de sopa de álcool

Confecção: bater muito bem o açúcar com a manteiga, a seguir bater também muito bem as gemas, envolvendo depois a farinha misturada com 2 colheres de chá de fermento em pó e as 6 colheres de álcool.

No final juntam-se as claras em castelo (envolver com cuidado), indo a cozer em forma de buraco, a uma temperatura de mais ou menos 180 graus.

**E pronto, Viseu deseja a todos bom apetite!**

*\*...que não se responsabiliza quer por barrigadas quer por eventuais indigestões!*



## Opinião

### Hipocrisia festiva...

Passado que foi o mais festivo período do ano em termos de hipocrisia, e não só no seu aspecto social, talvez seja bom começar 2006 com uma análise sobre comportamentos que seria conveniente alterar, no sentido correcto de ser alcançado um bom, pelo menos melhor, novo ano.

Antes ainda, no entanto, uma pequena observação sobre uma das frases/desejo mais citada nesta época: "Paz na terra aos homens de boa vontade". Pois, se há período no ano em que os homens, e mulheres, "de boa vontade", não conseguem ter alguma paz, porque conscientes e preocupados com os males do Mundo, é exactamente este, em que, se ainda possível, são mais evidentes as distorções e injustiças sociais, mais desumanas a violência e a guerra, mais chocantes a miséria e a fome, mais degradantes a exclusão, o abandono, a indiferença.

É comum dizer-se, ou ouvir-se dizer, que Portugal é um dos países onde mais se aposta em vários jogos de sorte. É natural, como se pode constatar se se fizer um paralelo entre a vida real e, por exemplo, o totobola.

Vamos supor que em vez do "1 X 2" estão inscritos "egoísmo", "esperteza" (de "Chico esperto") e "má educação", sendo a ordem arbitrária, já que se joga sempre em casa. Serão relativamente poucos os que não jogam, havendo, claro, quem não se

satisfaça com apostas simples e use as duplas e as triplas.

Não vale a pena fingir que não é verdade ou que, quando o é, só diz respeito aos outros e nunca a nós. Basta uma atenta observação da forma como conduzimos, talvez o nosso melhor reflexo cívico, para constatar essa realidade, tão tragicamente confirmada pelo número de acidentes, de mortos e de feridos, mau grado todas as promessas, todas as campanhas, todas as multas, todas as operações de segurança.

Um dia destes, depois do jantar, em dia de semana, resolvi sentar-me e observar o cruzamento, em Lisboa, da Av. António Augusto de Aguiar com a Marquês da Fronteira, em zona frente ao El Corte Inglés. E tive de esperar 35 minutos para que acontecesse não passar nenhum carro com sinal vermelho! 35 minutos, e certamente algumas dezenas de mudanças de sinal. Não é significativo? Claro que é, muito especialmente quanto ao traduzir a nossa falta de respeito pelos outros. E pior, a nossa quase certeza de impunidade subsequente! Quanto à "autoridade", aos polícias, é assim: se nos apanham a fazer asneira, são uns chatos (pelo mínimo) e não tinham nada que estar ali; se não estão por perto, ou demoram mais, quando precisamos deles, é porque não fazem nada. Meias verdades para cada lado, já que

todos, nós e eles, somos – ah, este triste fado! –, permissivos aos "brandos costumes", ao "deixa andar".

Parecemos um povo "simpático" (assim parece dizer, quando em entrevistas, a maioria dos que estão de passagem por cá), consideramo-nos solidários (pelo menos quando as "causas" são públicas, com visibilidade e não implicam esforço e/ou sacrifício contínuo ou prolongado...), mas o que é facto é que a nossa noção de cidadania deixa muito a desejar. Voltando à nossa forma de conduzir, fazemo-lo como se os outros não existissem, ou não deveriam existir; mudamos de faixa sem qualquer cuidado ou indicação prévia, ultrapassamos de qualquer forma, estacionamos em todo o sítio proibido, quantas vezes impedindo o trânsito, não respeitamos prioridades nem sinais, continuamos a falar ao telemóvel... e matamo-nos, deixando viúvas(os), órfãos, famílias destroçadas.

O comportamento da sociedade é o comportamento acumulado dos seus componentes, tal como o trabalho produzido e os resultados alcançados. Temos a consciência, e até costumamos, brandamente, brincar com isso, de que estamos, em muitas áreas, infelizmente as principais indicadores de desenvolvimento, na cauda dos actuais 25 países da UE, apesar de uma boa parte só agora lhe ter acedido. Será que somos mesmo

piores que eles todos? Ou é nosso "fado" e destino?

Enquanto cada um de nós não se convencer que cada gesto seu, em cada dia e não apenas no Natal ou no início de um novo ano, é, em termos de significado cívico, pelo menos tão importante como o dos outros, mesmo que eles pareçam mais "poderosos" e/ou "influentes" (quantas vezes os mais egoístas e mal educados), nada irá mudar, senão para pior, neste país.

Há uma forma engraçada, e fácil, de alterar a nossa atitude perante os outros, consciencializando-nos simultaneamente dos nossos erros\*: sempre que virmos alguém cometer um, em vez de pensarmos mal dele, tentemos recordar quantas vezes, e quando a última, fizemos o mesmo. Se tal conseguirmos, com consciência e honestidade, talvez tenhamos algumas surpresas... E compreendamos a necessidade de, sem ter que saber se os outros o fazem também ou não, mas acreditando que sim, emendar a nossa forma de estar na sociedade.

Então, já que estamos no princípio de um "ano novo", porque não a promessa, séria, de também "vida nova"?

\* escrevemos antes com referência ao problema da condução, mas aqui vamos já extrapolar para todas as áreas, principalmente aquelas em que criticamos, quanta vezes rindo, a funcionalidade de serviços, como se neles não trabalhassem pessoas como nós, portugueses...



## DN esclarece e informa

### Reuniões no Ministério da Defesa

Em 21 de Dezembro último tiveram lugar duas reuniões no Ministério da Defesa Nacional que revestem especial interesse para a ADFA.

A primeira correspondeu a uma já velha reivindicação da nossa Associação: a reunião do Conselho Consultivo para os Deficientes das Forças Armadas, legalmente instituído há muito, mas que durante a vigência do anterior Governo deixara de ser convocado.

A segunda dizia respeito ao Conselho Consultivo para os Antigos Combatentes, que de facto pouca visibilidade tem tido até agora, e reuniu pela primeira vez com nova composição.

- Para a reunião da área dos DFA (entenda-se DFA não no sentido restrito, mas de todos os deficientes militares) compareceram todas as entidades que compõem o Conselho, tendo portanto estado presentes o Director Geral e Subdirector Geral de Pessoal do Ministério, outros elementos do DDN, os representantes da Marinha, Exército e Força Aérea e do IASFA.

Esta primeira reunião teve como objectivo o conhecimento recíproco e a fixação do modo de trabalho e a periodicidade das reuniões, tendo ficado acordado que estas seriam bimestrais, para as reuniões ordinárias, podendo ser convocadas reuniões extraordinárias quando necessário.

Embora não se tratasse ainda de uma verdadeira reunião de trabalho, foram feitas referências a algumas questões mais prementes. O representante do EME aflorou a problema dos ex-militares oriundos das antigas Colónias alojados na EMEI e no RTm, nomeadamente à morosidade dos processos e aos graves inconvenientes que daí advêm para os próprios e para

as instituições. O delegado do IASFA mencionou alguma perplexidade quanto à posição daquele Instituto, já que parecia estar fora das questões restritas dos DFA, o que foi aproveitado pela representação da ADFA para reafirmar que a reparação devida aos DFA não deve ser confundida com o apoio sanitário e social da Família Militar (de que aliás os DFA também fazem parte), assunto que tem sido repetitivamente objecto de intervenções da ADFA junto das entidades competentes.

Foi várias vezes referida por algumas das entidades presentes a justeza de vistas das posições da ADFA, a que os recentes acontecimentos no Afeganistão vieram dar ainda mais razão.

Na sua intervenção, a directora do DEJURE referiu ter entre mãos 194 processos, a que recentemente se juntaram mais 40. Na sua opinião, as demoras devem-se mais a morosidade nos Ramos das FA do que no seu departamento, que ultimamente tem diminuído os tempos de resposta.

A próxima reunião, já em ritmo de trabalho, ficou agendada para Janeiro.

- Na reunião dos antigos combatentes estiveram presentes, além das entidades institucionais, a Liga dos Combatentes, a APOIAR, a APVG, a ACUP, a ANCU, a APEC e a ADFA, não tendo comparecido a Associação de Comandos.

Além da apresentação mútua de todos os presentes, foram dadas algumas informações pelo chefe do Departamento de Apoio aos Antigos Combatentes do MDN.

Assim, quanto à contagem do tempo de serviço, foi dito que estava prestes a ser publicada nova legislação

sobre o assunto, sendo mesmo possível a revogação do decreto lei 160/204, com o objectivo de voltar à doutrina da lei 9/2002.

No âmbito da aplicação, esta será alargada aos emigrantes de países com os quais Portugal não tem acordos na área social, bem como aos trabalhadores da Marconi, que também têm um sistema próprio, não contemplado até agora. Serão também contempladas as uniões de facto, nos casos de beneficiários de pensões de sobrevivência. Por outro lado, não será permitida a acumulação de contagem de tempo e complemento de pensão.

Na fórmula em estudo, dever-se-á regressar à contagem de tempo, dividindo-se os beneficiários em três escalões (até um ano, de um a dois anos, mais de dois anos de aumento de tempo de serviço), por forma a elevar os mais baixos e limitar os mais altos (haverá um valor mínimo). Serão contemplados os que já estão reformados e os que pagaram o aumento de tempo de serviço.

Finalmente, três medidas importantes: deixa de haver prazo para a entrega de requerimentos; o pagamento passa a ser feito em Outubro; e o famigerado Fundo de Pensões será extinto, passando os complementos de pensão a ser pagas pelo Orçamento do Estado.

A ser assim, terão tido resposta algumas das reivindicações dos antigos combatentes, mas não todas, como ficarem abrangidas todas as ex-Colónias, e não só os teatro de guerra. Ficou também a promessa da consulta ao Conselho antes da publicação da nova legislação.

### Furriéis

Conforme tem sido noticiado, a questão dos furriéis, para além de integrar o elenco de medidas legislativas reivindicadas pela ADFA, foi apresentada ao provedor de Justiça, uma vez que se tratava não de uma alteração, mas da reposição de um direito.

Surpreendentemente, a resposta veio como se uma alteração legislativa para o futuro se tratasse. Face a esta insólita interpretação, decidiu a DN insistir junto do Provedor de Justiça, através da carta que se transcreve

*"Pela nossa carta em referência, foi exposta a Vossa Excelência a situação dos Furriéis Milicianos Deficientes das Forças Armadas (DFA), prejudicados na pensão a que têm legítimo direito por aquilo a que temos dado o benefício da dúvida, considerando um lapso administrativo.*

*Com efeito, e conforme foi devidamente documentado na nota explicativa anexa à nossa carta em referência, os Furriéis Milicianos DFA têm direito à actualização automática das pensões de invalidez por indexação ao pessoal no activo (decreto-lei n.º 43/76, de 20*

*de Janeiro); e assim vem acontecendo, desde a publicação deste decreto-lei, diploma base dos direitos dos DFA.*

*Esta indexação automática deixou de ser considerada pela Administração desde que, por força de uma alteração na designação dos postos dos sargentos do Exército, o posto de furriel foi extinto, e esquecidos os furriéis reformados nas tabelas indiciárias de vencimentos, por aquilo que continuamos, na nossa boa fé, a considerar um lapso administrativo.*

*Portanto, o que nos motivou a recorrer a Vossa Excelência não foi solicitar uma providência para o futuro, mas a reposição de um direito, sonogado por uma omissão cuja origem não nos compete julgar.*

*Exemplificando, não se nos consta que a alteração da designação dos postos de Brigadeiro para Major General, ou de General para Tenente General, tenha acarretado o relegar desses senhores Oficiais Gerais para fora da tabela indiciária, ficando condenados a perder ano após ano o seu poder de compra, apenas porque mudou a designação do posto, e nin-*

*guém se tinha lembrado de os incluir nas tabelas indiciárias, como sucedeu com os furriéis reformados.*

*Mais ainda, numa carta datada de 05/11/30 dirigida a um nosso associado, que reclamava precisamente sobre este assunto, informou a Caixa Geral de Aposentações que "... no activo, os furriéis foram reclassificados em 2.º sargento, mas que nada se sabe quanto à situação dos reformados...", o que é uma situação ainda mais gravosa, porquanto os DFA estão equiparados ao pessoal no activo e o prejuízo será portanto maior.*

*Por tudo isto, bem pode Vossa Excelência avaliar a nossa perplexidade ao receber a resposta constante no vosso ofício em referência, baseado num ofício do Ministério da Defesa Nacional (MDN), que remete o assunto para uma solução no quadro de um grupo de trabalho cuja missão visa situações futuras.*

*É que não se trata de providências para o futuro, mas da reposição de um direito, o que julgamos estar já suficientemente documentado e fundamentado.*

*E mais nos preocupam os termos utilizados pelo MDN, quando informa que enquadra este assunto nas "questões pendentes relacionadas com o pessoal civil" (sic), quando os DFA não abdicam de serem considerados membros da Família Militar - direito esse pago com preço de sangue - como disso não abdicam, tanto quanto temos conhecimento, a Hierarquia Militar e os nossos camaradas de armas.*

*Diga-se, de passagem, que esta informação do MDN nos deixa também inquietos, porquanto, pela mesma via, as anunciadas soluções do MDN podem levar à alteração da designação dos postos, o que, seguido de idênticas omissões administrativas, levaria a que todos os militares das classes inactivas (e não só os DFA) se vissem paulatinamente relegados para uma perda progressiva do valor das pensões, e sem que, formalmente, tivessem sido despromovidos.*

*Por todas estas razões, tomamos a liberdade de recorrer novamente a Vossa Excelência, no sentido da reposição do direito."*



## Decreto-lei n.º 167/2005

Na sequência da publicação do decreto-lei n.º 167/05, de 23 de Setembro, (criação da ADM, em substituição das ADM's) foram feitas diligências no sentido de salvaguardar os direitos dos deficientes militares, conforme foi já noticiado.

Desde então, a DN tem-se mantido atenta ao desenvolvimento da situação, e esteve presente numa reunião no MDN, congregando representantes dos Ramos das FA e o IASFA (ver "Reuniões no MDN"). Foram aí novamente defendidas as posições da ADFA, e que foram, de um modo geral, bem aceites pelos presentes.

Com base nas informações recolhidas, foi decidido enviar nova carta ao Ministro da Defesa Nacional, que se transcreve.

*"Na sequência dos comentários tecidos aquando da publicação do decreto-lei n.º 167/2005, e mantendo os princípios por nós defendidos desde o memorando enviado a V.ª Ex.ª em 9 de Agosto último sobre o mesmo assunto, tomamos a liberdade de expor o seguinte:*

*1. Já na nossa carta em referência havíamos apontado os inconvenientes da obrigatoriedade da opção, no caso de DFA e familiares inscritos também no regime geral de previdência, já que*

*os dois sistemas de assistência (público e privado) têm áreas de cobertura diferentes, resumindo-se o público à saúde, e abrangendo o regime geral também a área social. Registamos com agrado que, no projecto de portaria regulamentadora, apenas se impõe a opção por um dos sistemas públicos, o que é lógico, não só pela coincidência das áreas cobertas, como pela convergência que se pretende.*

*2. Por outro lado, não são mencionados os beneficiários de pensões de sobrevivência, de acordo com o seu estatuto (DL 142/73, de 31/3) e transmissibilidade de pensão (DL 240/98, de 7/8), assunto já referido na nossa carta.*

*3. Não pode ser aceite que os encargos decorrentes de acidentes ou doenças em serviço sejam cometidos à ADM. Tem sido doutrina que os encargos com acidentes ou doenças em serviço são da responsabilidade do Estado, enquanto entidade patronal, com regime de auto seguro, enquanto a assistência na doença corre pela área social, com encargos divididos entre o beneficiário e a instituição que o apoia. Esta diferença é materializada nos Ramos das FA, que prestam cuidados de saúde aos doentes ou deficientes em serviço pelas rubricas de tratamen-*

*to hospitalar (área da Logística), enquanto nos restantes casos prestam esses cuidados pelas ADM's (área do Pessoal). Atribuir as obrigações do Estado à ADM não só traria confusões no processamento das despesas, dado que sairiam de fundos diferentes, como poderia vir a trazer, pela via da indefinição, uma desresponsabilização do Estado.*

*4. Igualmente quanto às taxas moderadoras, há que salvaguardar que os actos médicos sobre doenças ou sequelas de acidentes em serviço devem estar isentas de taxa moderadora, até pela dificuldade crescente de os deficientes militares de zonas periféricas se deslocarem aos hospitais militares.*

*5. No tocante aos descontos que constituirão receita do IASFA, recordamos que os DFA não oriundos dos QP só voluntariamente se podem inscrever naquele Instituto, e a maioria deles não são beneficiários, tendo inclusivamente muitos dos inscritos solicitado a sua desistência. A ser-lhes imposta agora uma adesão, isso significaria, na área social, entrar para um sistema de que seriam contribuintes líquidos, já que, na prática, dado o pouco tempo de beneficiário, não teriam daí nenhum proveito; e na área de saúde, teriam de*

*pagar uma taxa inicial de 0,8%, indo até 1%, por um direito que já tinham gratuitamente.*

*6. Por outro lado, os GDSen não têm o direito de inscrição no IASFA, e não têm pensão base, mas apenas abono suplementar e prestação suplementar de invalidez, que não estão sujeitos a descontos, nem ao IRS. Torna-se assim tecnicamente impossível fazer o desconto proposto.*

*7. Por todas estas razões, de que damos especial ênfase ao apontado no n.º 4, acima, solicitamos a V.ª Ex.ª se digne receber-nos, com a brevidade que o calendário das medidas a tomar impõe, a fim de que possamos, de viva voz, defender o que nos motiva: a perenidade dos direitos dos que se sacrificaram pela Pátria, e que têm sido recentemente objecto de garantias de várias entidades, desde o Presidente da Assembleia da República até aos Deputados ligados a esta área, e passando naturalmente por V.ª Ex.ª."*

Ainda sobre este assunto, e já quase sobre o encerramento do ELO, foi recebida uma informação, através de um comunicado do Conselho de Ministros, em como o direito de opção dos cônjuges estaria salvaguardado, na legislação a publicar.

## ADFA Rede Solidária - II

Conforme artigo, e cartaz, no último ELO, no passado dia 6 de Dezembro realizou-se no Auditório Jorge Maurício, na Sede nacional, uma reunião com o fim de apresentar aos associados que aí quiseram e puderam estar, de forma mais directa, o projecto "ADFA Rede Solidária".

E cabe aqui já um primeiro esclarecimento por parte do nosso jornal. É que o projecto não se designa, como no nosso anterior artigo sempre referimos, "ADFA Solidária" mas sim "ADFA Rede Solidária", dado que se insere, ou é consequente, no trabalho que já vinha sendo realizado no âmbito de "ADFA Rede Social", sobre o que algumas informações haviam sido prestadas nas nossas páginas, o último do quais ainda recentemente, mais concretamente em Outubro passado (pág. 15).

Voltando à reunião, após prestadas as primeiras informações pelos elementos que compunham a Mesa - pela ADFA, Patuleia Mendes, presidente da DN e José Arruda, coordenador geral do projecto, e pelo ISPA, Arménio Sequeira\*, coordenador científico -, assistiu-se depois a uma interessada e participativa sessão de esclarecimento, com bastantes questões colocadas pela assistência, sobre o que não iremos propriamente fazer um relato, antes preferindo fazer como que um "ponto da situação", sugerindo-se, entretanto, uma vista de olhos pelo nosso artigo no ELO anterior, para recordar a filosofia base do método de trabalho que vai ser utilizado.

Com um gabinete coordenador de que fazem parte, para além dos elementos já citados, os asso-

ciados Lopes Dias e Silvério Rodrigues; com o apoio das psicólogas e das técnicas de serviço social de Lisboa e do Porto, além da técnica de documentação e arquivo da Sede; com a enorme e fundamental disponibilidade do Conselho Directivo do ISPA e com o trabalho das delegações, a fase imediata será o terminar a compilação do inquérito, formulado ele já com base numa primeira abordagem, ou pesquisa, sobre as principais questões, fundamentalmente de saúde, sociais e ocupacionais, que afligem cada área populacional, porque, como foi então dito, são os que vivem em cada local que melhor conhecem as suas necessidades e carências, sendo também que estas são diferentes de região para região, até pelas grandes assimetrias que ainda se encontram no nosso país, continental e insular.

Temos então que, recolhidos e centralizados esses primeiros dados, e elaborado o questionário, já reflectindo essas especificidades, o mesmo será enviado para os associados, procurando-se depois, em contactos directos quer de pessoal das delegações quer de voluntários a encontrar entre instituições locais, nomeadamente escolas/universidades, que seja preenchido da forma mais correcta e completa possível, estando garantida a sua confidencialidade. **E chama-se aqui a atenção de todos os associados para a importância de cada um no projecto, já que se pensa ouvir cerca de 15000 pessoas, metade das quais familiares, principalmente mulheres e filhos.** Não esquecer também que para além dum levantamento das situações e das necessidades, se

pretende também recolher informação sobre a capacidade de resposta e de participação de cada um, ou de um grupo, se em tal se puderem organizar, na procura das soluções mais adequadas ...

Recebidas as respostas, estas através das delegações, já que estas têm capacidade de as informatizar e transmitir via correio electrónico (pretende-se evitar ao máximo o papel e o correio tradicional, evitando despesas e demoras), as mesmas irão sendo canalizadas então para o ISPA, que lhes dará o devido tratamento, através de programa apropriado.

Terminando, por este mês, a nossa abordagem a esta tema, haverá que realçar que embora muito específica a questão da deficiência militar, e a sua abrangência psicológica familiar, principalmente quando ela envolva ex-combatentes, o universo que este projecto contempla vai permitir, apesar disso, fazer muito úteis extrapolações para o mundo civil, tão mais importantes quanto se sabe que neste campo muito pouco está feito... ou se vai fazer.

◼ J.M.S.

*\*Professor do ISPA, cooperativa de ensino superior de que é um dos sócios fundadores, desde cedo se interessou pelas questões sociais ligadas às pessoas com deficiência, tendo integrado, quantas vezes como proponente e mentor, várias acções e projectos, sendo nessa qualidade que chegou a participar, depois de 1974, em várias reuniões de trabalho no Palácio da Independência. A sua relação com a ADFA, já longa, advém não só deste campo de interesses partilhado como ainda, se assim se pode dizer, de um sentir congénito com a razão de ser da instituição, porque também ex-combatente várias vezes ferido.*



# Episódios de guerra

## Fim

O maqueiro tenta enfiar-me uma agulha no braço e vai dizendo – Ó furriel. Ó furriel. Ó furriel. Como se me estivesse a pedir desculpa. Alguém ali ao lado diz um chorrilho de palavões no tom em que se reza o credo. Toda a gente olha para mim com olhos esbugalhados de medo. Não ouço a minha voz, mas sinto que estou a dizer qualquer coisa, embora ninguém pareça entender-me.

O que quer que seja que o maqueiro me deu parece estar a trazer o mundo de volta, mas devagar, muito devagar. Começo a perceber que o que vejo à minha frente não são as pernas do cabo Lemos, que pisou uma mina de manhã e que eu ajudei a socorrer; são as minhas próprias pernas.

Agora ouço a minha voz mas não entendo bem o que ouço. Estou a dizer ao maqueiro que o meu amigo Faria acreditava que eu viria a ser um bom corredor dos 100 metros; que quando houver mudança de tempo, que o tempo é húmido na minha terra, eu irei ver-me aflito com dores; que tinha uma micose dos diabos naquele pé, que não passava com nada. Não posso garantir, mas as minhas palavras devem ter um tom muito dramático porque vejo que os olhos do maqueiro têm um brilho esquisito.

Estou apoiado nos cotovelos e deixo-me cair de nuca no chão. O maqueiro dá-me palmadas na cara e pergunta-me se estou bem.

Agora, como se fosse de uma importância vital para mim, reparo no capim

visto de baixo para cima no meio da picada; reparo, por entre o capim, num retalho de céu de um azul luminoso, que não está completamente limpo porque umas pinceladas rápidas de branco fazem as vezes de nuvens e reparo no cheiro, no cheiro que, tenho a certeza, não me largará para o resto dos meus dias. O cheiro orgânico e agreste da terra de África; o cheiro cálido e acolhedor da floresta, o cheiro meio metálico, meio resinoso do trotil deflagrado e o cheiro fresco, acre e doce da carne dilacerada.

Agora o som, este som sincopado e sibilante, do helicóptero que se avoluma abafando tudo e uma nuvem de poeira em rodopio que se adensa rapidamente, encobrindo de mim o mundo inteiro. Sou erguido do chão por mãos invisíveis e entro, planando, no helicóptero. Sinto o impulso, que permanecerá para sempre completamente incompreensível, de me agarrar ao capim para impedir que me levem...

Não tive tempo de me despedir de África. Ao menos do perfume refrescante da madrugada; ao menos das picadas que dividiam o mundo em duas partes, de nós até ao infinito; ao menos do som omnipresente da floresta, aquele som grave que se ouve no intervalo do canto dos animais, talvez a terra a respirar, talvez a voz da própria floresta, a que nós por displicência costumamos chamar silêncio.

Ficou-me apenas aquele bocadinho de céu azul muito luminoso, quase limpo de nuvens; a imagem do capim a contra-

picado e o odor. O odor da selva e da guerra, num cocktail quase inconciliável, porém tão duradouro que de facto ainda hoje perdura. O resto desvaneceu-se. Tenho a sensação de nunca lá ter estado, de tudo não passar de uma história que me contaram. Os apontamentos que têm a minha letra e os diapositivos em que por vezes apareço, parecem-me verdadeiras imposturas. E as memórias? Tenho memórias que parecem não caber no tempo que lá vivi. Juraria que fui lá, dei uns tiros, rebentei uma mina e vi-me embora.

Então e o Lemos a correr à minha frente, de MG 42 em punho como se fosse uma G3, na Operação Relâmpago e eu a tirar slides atrás dele?

Então e a mina anti-carro, tudo pelo ar, o corpo todo a doer e a felicidade de o receber de volta com as peças todas?

Então e o golpe-de-mão à base de Gungunhana, a morteirada na árvore por cima de nós e os ouvidos a apitarem a noite inteira?

E a picada das bananeiras, aquele túnel na mata virgem?

E a picada de Omar, a roleta-russa das minas?

E o Vale de Miteda, o oceano de selva?

Foto cedida por M.C. Bastos



E as Águas, essa estância de férias improvisada no meio da guerra?

E as crianças a jogarem à bola? Como se não houvesse guerra, como se a modesta igreja que mal se via lá ao fundo, os protegesse dos morteiros e rockets. Crianças a jogarem com uma bola feita de um novelo de folhas de bananeira, porque os trapos eram para vestirem. E eu sentado a vê-los jogar, como se eles me protegessem de mim próprio, com as minhas dúvidas existenciais e os meus complexos de culpa, e me restituíssem a inocência perdida.

Sei lá que mais... o velho maconde que tocava kanhembe e que me recebeu na sua mísera palhota como um rei recebe um general inimigo: com suprema dignidade e superior delicadeza, mas sem usar de diplomacia, que é o cinismo dos políticos. Sofreu com cada palavra de genuíno ódio e quando eu saí, o som daquele instrumento estranho e o eco das suas palavras gritaram-me a evidência: eu era um estrangeiro, eu tinha que desertar.

Quem me contou isto, ou que sonho sonhei em que tudo se passou?

Às vezes dou por mim, do cimo de uma vida vivida, olhando o poço fundo do tempo com uma vertigem. Dou por mim a escrever coisas sobre a guerra colonial como se quisesse trazer de volta a magia de África que, quem sabe, só existe na minha memória. Ou simplesmente como se quisesse preservar o que de África ainda resta em mim.


Alguma coisa África me deu e que hoje faz parte do meu ser e que por certo me faz ver o mundo de um outro modo e, tenho a certeza, algo de mim eu dei a África.

Algures no Planalto dos Macondes, onde um dia colhi a derradeira imagem de um céu azul luminoso, antes que a palavra "Fim" fosse escrita na minha história de guerra; lá onde a fragrância exótica da selva e o relento rançoso da guerra se prenderam ao meu corpo para sempre, um pouco de mim ficou e, se é verdade que na Natureza nada se perde, como disse um dia quem sabe, então ainda lá perdura transformado. Sabe-se lá em quê...

Desejo intensamente que seja uma flor.

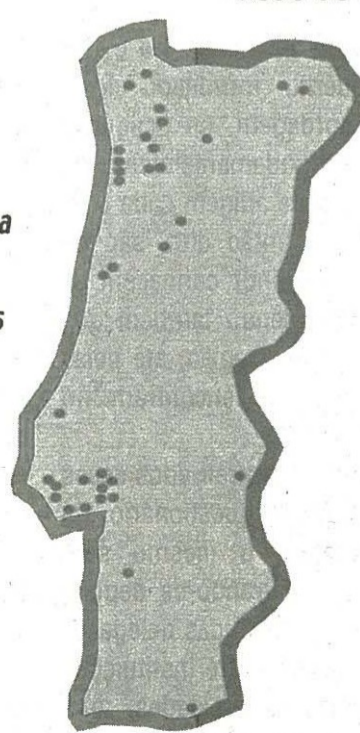
(Penúltimo episódio)

M.C. Bastos, associado 1312



**Império Autocenter**  
N.º 1 EM CENTROS AUTO

**Rede de lojas Império Autocenter**



<b>PNEUS</b>	• Firestone	38 %
	• Dunlop	35 %
	• Goodyear	35 %
	• Bridgestone	33 %
	• Continental	30 %
	• Hankook	30 %
	• Toyo	30 %
	• Yokohama	20 %
	• Michelin	10 %
	<b>AMORTECEDORES</b>	• Gabriel
• Monroe		30 %
<b>TRAVÕES</b>	• Bosch	30 %
	• Brembo	30 %
	• Ferodo	30 %
<b>ESCOVAS/VELAS /FILTROS</b>	• Bosch	20 %
<b>PÁRA-BRISAS</b>	• Guardian	20 %
<b>MECÂNICA GERAL</b>	• Várias	20 %
<b>MÃO-DE-OBRA</b>	• Serviços	15 %

**Império Autocenter é uma rede de lojas que conta com cerca de 45 estabelecimentos de norte a sul, onde é possível efectuar toda uma série de serviços (pneus e serviços associados, focagem de faróis, testes de amortecedores) e adquirir componentes automóveis (baterias, amortecedores, sistemas de travagem, escapes, pára-brisas e outros), lubrificantes, carregamento de ar condicionado e auto-rádios.**

Exclusivo para sócios com cartões identificativos da ADFA. As compras de serviços de mercadorias ou serviços superiores a 50 Euros, dão direito a um cheque de 10% para desconto em compras futuras.

**Rede de Lojas:**  
**Zona Norte:** Vinhais, Bragança, Chaves, Vila Real, Braga (5 centros), Ponte de Lima, Viana do Castelo, Arcos de Valdevez, Barcelos, V. N. Famalicão, Santo Tirso, Guimarães, Lordelo, Valongo  
**Zona Centro/Norte:** Maia, Matosinhos (3 centros), Porto, V. N. Gaia, Aveiro - Cacia, Coimbra - Eiras, Viseu, Leiria (2 Lojas), Caldas da Rainha  
**Zona Sul:** Lisboa - P. Stº Adrião, Lisboa - Sacavém, Lisboa - Algés, Lisboa - Cidade (4), Sintra - Trajouce, Alhandra, Palmela, Seixal, Vila Viçosa, Faro (2 centros)  
**Centro de Operações - Telefone: 253 240 640**

**HELP LINE**  
808 20 15 16

# Desporto

ORIENTAÇÃO PEDESTRE

## ADFA com bom desempenho em Estarreja

A nossa equipa de orientação (delegação de Évora), participou, no passado dia 10 de Dezembro, no Campeonato Nacional de orientação pedestre, na versão de distância ultra-longa, com 7/8 quilómetros nos percursos mais curtos, até aos 20 dos percursos de elite masculina, numa organização do Clube de Orientação de Estarreja.

Como se tratava de um campeonato muito específico, em virtude da distância dos percursos, a equipa da ADFA não se apresentou na máxima força, não deixando, no entanto, de ter tido um muito bom desempenho.

Num muito bom ambiente natural, com predomínio de pinheiros e alguma vegetação rasteira, aqui e ali um pouco mais densa, a velocidade dos principais atletas foi a nota dominante, conseguindo-se médias ao quilómetro poucas vezes usuais em provas nacionais.

Em termos de resultados individuais, o destaque vai para a elite feminina, com Lídia Magalhães a ficar em 2.º lugar, logo seguida de Emília Silveira em 3.º. Sandra Rodrigues, em 6.º, fechou a pontuação da equipa, que



foi assim campeã nacional numa categoria em que ainda Anne van Doorn se classificou em 15.º.

Na elite masculina, o nosso campeão Marco Póvoa foi traído por um erro da organização, ao colocar uma baliza longe da posição em que se devia encontrar, e que estava marcada no mapa (foi erradamente corrigido, já com a competição a decorrer, prejudi-

cando uns em benefício de outros), perdendo aí os cerca de 3 minutos que o arredaram do 1.º lugar, que seria seu sem esse percalço, acabando em 3.º. Pedro Nogueira, também muito bem, foi 5.º classificado, fechando a equipa Bass Breman em 18.º lugar e contribuindo ainda para o 2.º lugar colectivo. Pela ADFA participou também Bruno Silva, que ficou em 21.º.

Foto de Arquero

Quem também brilhou a grande altura, foi a nossa equipa de Veteranos Masculinos I, com Santos Sousa a conseguir o título de campeão, seguido de um adoentado Mário Duarte em 4.º e de Hélder Costa em 9.º, classificando-se ainda Luís Quinta-Nova em 22.º, embora não pontuando já para a equipa.

Em Veteranos II, António Alves foi um bom 2.º classificado, a anteceder Jorge Dias em 3.º. Crispim Júnior fechou a equipa em 16.º lugar, numa distância demasiada para a sua preparação actual. Nesta categoria integrou-se também Jacinto Eleutério, que se classificaria em 21.º.

Foram ainda representantes da ADFA, João Dias (13.º em Juniores Masculinos) e David Sousa (4.º em Fácil Longo).

Em resumo, nas disciplinas onde a ADFA apresentou equipas, alcançamos por duas vezes o lugar mais alto do pódio e outras duas o segundo, não devendo ser esquecidos, em termos individuais, coincidência curiosa, um - 1.º, dois - 2.º e três - 3.º lugares.

## PESCA DESPORTIVA

### ADFA presente no troféu da C.M. do Seixal

Num dia soalheiro, mais parecia "Verão de São Martinho", no calor da confraternização os 70 pescadores estavam de rostos rosados e com o seu espírito de competição a desfrutar de satisfação pois que o peixe, o próprio!, também, mais ou menos, marcou presença.

A equipa da ADFA, mais uma vez reconhecida, entre os "abençoados", no convite para participar no 11.º Troféu de Pesca Desportiva da Câmara Municipal

do Seixal, que se realizou no passado dia 11 de Dezembro, foi desta vez formada por Alberto Moreira, Jorge Neto e José Joaquim.

São poucos? São os que, com o seu espírito de sacrifício e a sua vontade, vão mantendo vivo, bem vivo, o nome da ADFA nestas andanças.

Com a participação, como se escreveu, de 70 pescadores, integrando 15 equipas, os nossos representantes conseguiram as seguintes, e honrosas, classi-

ficações: 26.º - J. Neto, 31.º - A. Moreira e 41.º - J. Joaquim.

Nesta quadra natalícia de Paz - e que hajam muitas outras quadras natalícias ao longo de todo o ano para que os Homens tenham compreensão e espírito de sacrifício em todos os seus actos -, os pescadores da ADFA desejam Festas Felizes a toda a família associativa.

Alberto Moreira

## CICLISMO

### Taça Nacional em BTT - 1.º encontro a nível nacional

Conforme prometemos no ELO anterior, aqui estamos para dar notícias sobre a taça nacional de BTT, que a ADFA em parceria com a ANDDEM e com o apoio técnico da Associação de Ciclismo de Setúbal, vai organizar em Corroios, no dia 21 de Janeiro de 2006, com a recepção dos ciclistas marcada para as 10 horas.

Como o título indica, trata-se da disputa da taça nacional de ciclismo na vertente de BTT (bicicleta de todo o terreno) e ao mesmo tempo é também o primeiro encontro a nível nacional, de deficientes praticantes da modalidade de ciclismo. Esta prova vai realizar-se na quinta da Marialva, (parque da feira) em Corroios, Seixal e é aberta a todas as áreas da deficiência e a vários escalões etários. A secção de desporto da ADFA (espera concorrer com todos os seus ciclistas inscri-



tos e), faz um apelo aos associados que estejam dispostos a experimentar a modalidade ou a participar na prova, que o podem fazer pois temos 20 bicicletas de todo o terreno, gentilmente cedidas pelo Senhor Luís de Almeida da L.A. Alumínios-Sport, patrocinador oficial da equipa profissional de ciclismo L.A.Alumínios Liberty Seguros.

Obviamente que tudo isto só é possível realizar graças ao apoio de várias entidades.

São elas, Associação de Ciclismo de Setúbal, Federação Portuguesa de Ciclismo, Junta de Freguesia de Corroios, Câmara Municipal do Seixal, L.A.Alumínios Sport, Stand Jasma e o nosso patrocinador, na pessoa do senhor António Martins das Tortas de Azeitão.



Aproveitamos para informar que a equipa da ADFA vai participar no passeio de BTT no Cartaxo em 8 de Janeiro de 2006.

Para qualquer esclarecimento na área do ciclismo, contactar, Farinho Lopes, TM 91 777 37 08 a qualquer hora. A secção de desporto da ADFA reconhece o apoio de todos os colaboradores e patrocinadores e deseja os melhores êxitos a todos os atletas.



**MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL**  
Assistência na Doença aos Militares

Beneficiário n.º: \_\_\_\_\_ Regime: NORMAL  
Nome: \_\_\_\_\_  
Ramo: EXERCITO Posto: CORONEL  
Situação: REFORMA Validade: 31 DEZ 2006

\_\_\_\_\_

## À volta de uma entrevista

Este fim de ano tem vindo a revelar-se como um período de aceleração de mudanças que nos deixa quase sem tempo para reflectir e responder, e muito menos para promover a informação interna a que estamos obrigados, e que nos agrada cumprir.

Em primeiro lugar, as alterações na Saúde Militar, que não deixarão de reflectir-se no universo dos deficientes militares.

Julgamos que a divulgação às Delegações e sobretudo no ELO do que têm sido as iniciativas governamentais, e das tomadas de posição da DN, terão sido suficientes para alertar os associados, sobre a verdade da situação.

Em segundo lugar, as anunciadas remodelações nas Forças Armadas, quer nas carreiras e postos, quer nas remunerações, não podem deixar de nos preocupar, não só pela indexação a que as pensões estão sujeitas, como pelo antecedente que a extinção do posto de furriel representa.

A recente entrevista do Ministro da Defesa Nacional ao "Correio da Manhã" de 26 de Dezembro dá-nos mais motivos de reflexão. Assim, quanto aos deficientes, disse que "é um sector que exige particular atenção" e que "devem existir mecanismos de diferenciação... para assegurar a resposta das responsabilidades do Estado que têm de ser levadas às últimas consequências" e ainda que "é necessário acautelar um conjunto de direitos e regalias

Que os protejam e o Estado tem de assumir a sua responsabilidade". Em-

pregou portanto o Ministro por duas vezes o termo "responsabilidade", e aqui estamos em consonância. Nunca a ADFA reclamou outra coisa que não fosse o Estado assumir as suas responsabilidades para com os seus agentes, neste caso os deficientes militares. E se, de facto, a legislação de base dos deficientes militares não tem sido ameaçada, já o mesmo não sucede com os efeitos colaterais de outras medidas governamentais no campo da assistência médica e medicamentosa.

No n.º 2 do art.º 8.º do decreto-lei n.º 167/2005, de 23 de Setembro, diz-se que a assistência na doença abrange o pagamento das despesas de saúde decorrentes de acidentes de serviço e doenças profissionais. Conforme foi divulgado, a ADFA opôs-se naturalmente a esta disposição, que representaria um primeiro passo para a desresponsabilização do Estado nesta matéria; aliás, as próprias normas da ADSE são claras, quando estabelecem que não lhe competem as despesas com doenças ou acidentes em serviço. Exposta a questão no Conselho Consultivo para os Deficientes das Forças Armadas, está em curso a resolução deste problema.

Têm sido abundantemente discutidas as questões ligadas à fusão das ADM's na nova ADM. Se apenas de uma fusão se tratasse, teria o nosso pleno acordo. Porém, quando se pretendem alterar as regras vigentes, há que acautelar os direitos adquiridos. Principalmente, tal como foi já difundido, a ADFA não pode

aceitar que tal fusão, e posterior convergência com a ADSE se faça pelo método do "alinhamento por baixo"

Está em curso a substituição dos cartões das ADM's por um "cartão credencial" que deverá vigorar até Dezembro 2006. A forma apressada de conclusão deste processo, nos últimos dias do ano, obriga a cuidados redobrados, pela natural dispersão e desmobilização dos interessados. Salvaguardada (muito por intervenção da ADFA) a possibilidade de acumulação da ADM com o regime geral de protecção social, fica impedida a acumulação de dois sistemas públicos de apoio de saúde (por exemplo, ADM com ADSE, ou ADMG). Legalmente falando, nada de novo; na prática, os sistemas tendem para redundantes, e a acumulação traria, a curto prazo, pagar 1% para cada lado.

Na execução prática desta substituição, têm-se detectado várias falhas. Há quem tenha recebido circulares em duplicado, e quem não as tenha recebido; há quem tenha anexos e quem os não tenha. Inclusivamente, o impresso de inscrição utiliza a fórmula "beneficiário de outro regime de protecção social" que não está de acordo com a própria circular dos serviços. Enfim, como diz o povo, as cadelas apressadas parem os filhos cegos.

As recomendações que a DN pode dar neste campo são as seguintes:

- Cumprimento do constante na circular, ou seja preencher e devolver o impresso com as informações disponíveis; note-se que os que não estão inscritos nas ADM's automaticamente, mas por opção (por exemplo, os DFA milicianos) devem preencher o formulário.

- No caso dos cônjuges, existe já um impresso próprio, que basta preencher também.

Em qualquer dos casos, a ADFA deixou bem vincado que não podia admitir-se que, por uma hora que fosse, houvesse deficientes ou familiares sem apoio sanitário, uma vez que o acidente ou doença não estão dependentes de iniciativas burocráticas.

Finalmente, disse o Ministro que tem "...observado o que noutros países estão a fazer e constato que em Portugal, em relação às famílias dos militares, ainda preservamos um conjunto de procedimentos que outras Forças Armadas já mudaram há muito tempo. Até por força de termos tido uma guerra em África durante muitos anos. Vamos reestruturar de forma a procurar reduzir custos...".

Foi honesto o senhor Ministro. Explicou que isto de direitos e regalias são coisas conjunturais, e que, se os veteranos da II Guerra Mundial podem ser esquecidos, nós para lá devemos caminhar. Atenção aos militares actualmente nas fileiras, sobretudo às associações de militares. Será que vão esquecer as famílias, como parecem ter esquecido na questão da fusão das ADM's?

N. Sta. C.

## AFIRMAÇÃO DO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL AO "CORREIO DA MANHÃ" "O Estado tem de assumir a sua responsabilidade"

Do jornal "Correio da Manhã" de 20 de Dezembro último, e com a devida referência e cumprimentos, transcrevemos, pelo seu interesse, os seguintes passos da entrevista que lhe foi concedida pelo dr. Luís Amado:

CM - A reestruturação do sector de Saúde Militar vai complicar o acesso aos benefícios do sistema?

MDN - O sector da Saúde Militar, tal como as ADM, exige uma reforma que não é diferente do que já se passa à nossa volta. Tenho observado o que outros países estão a fazer e constato

que em Portugal, e em relação às famílias dos militares, ainda preservamos um conjunto de procedimentos que outras Forças Armadas já mudaram há muito tempo. Até por força de termos tido uma guerra em África durante muitos anos. Vamos reestruturar de forma a procurar reduzir custos, mas também a racionalização do sector. Temos hospitais militares do Exército, da Marinha e da Força Aérea; no futuro teremos apenas um Hospital das Forças Armadas, integrando os três que existem. Tínhamos três regimes de Assistência na Doença a

Militares e passaremos também a um só, a partir de 1 de Janeiro. Era inadiável fazê-lo. Vejo a reforma da Saúde Militar já nas Actas do Conselho da Revolução de 1975. Os próprios militares referiam a necessidade de integrar os diferentes hospitais. Hoje, trata-se de preparar a instituição militar para responder melhor às suas missões no futuro, num enquadramento mais equilibrado no contexto da Administração Pública e no espaço Defesa.

CM - E que vai acontecer aos deficientes?

MDN - Esse é um sector que exige particular atenção. Aí sim, devem existir mecanismos de diferenciação, que permitam aproveitar poupanças feitas noutros sectores para assegurar a resposta das responsabilidades do Estado que têm de ser levadas às últimas consequências. Esta é uma grande preocupação, até porque teremos cada vez mais militares portugueses em missões no estrangeiro. É necessário acautelar um conjunto de direitos e regalias que os protejam e o Estado tem de assumir a sua responsabilidade.

## Escrevem os associados **Aqueles dias**

A ausência física da razão de afectos, ancorada lá longe na Metrópole, o isolamento, as ocorrências constrangedoras e o desassossego fomentado pela incerteza do amanhã geraram um ilusório relógio que travava a real cadência do tempo. Sintoma revelador do estado emocional rasca que afectava aqueles dias intermináveis. Em reacção, a natureza humana desencadeou hábitos e comportamentos tendentes à reposição dos equilíbrios anímicos e físicos.

Breve incursão retrospectiva pelo quotidiano, com exclusão das acções de risco, relembra alguns entretenimentos,

ali viáveis, que cada um perfilhava e vivia com intensidade, por vezes desmedida. Aos costumeiros, nos excessos, estava reservado o estatuto de çacimbados.

Os cultores de troca de correspondência, escreviam cartas e aerogramas a este mundo e ao outro. Propensos a dilatar o rol de destinatários chegavam a expedir "bate-estradas" ao cuidado dos carteiros de localidades que lhes acudiam à mente, para entregarem a meninas simpáticas, quiçá receptivas ao papel de madrinhas de guerra, algumas, das disponíveis, futuras esposas dos afilhados.

No domínio do canto havia uns quantos que davam música ao pessoal. Um de entre outros entusiastas, quando inspirado, mais no período diurno, exteriorizava frequentemente o que lhe ia na alma cantando, a plenos pulmões, lamentos e protestos corporizados em letras de sua lavra, que enxertava em músicas de negros fados e de batidas cantigas populares, com rasgos do estilo: "mãezinha é triste ver um camarada morrer com o peito atravessado", ou: "só massa mamã só massa olha p'rá fome que o teu filho passa". Para os boémios, companheiros da noite até

desoras, a aceleração do acto de molhar a palavra era directamente proporcional ao aumento do grau de eloquência que, amiúde, descambava no apelativo sentimento musical, expresso na entoação de fados, desgarradas e, principalmente, de consagradas canções de Sessenta, então em voga. Quem não se lembra de San Francisco e da Lenda d'El Rei D. Sebastião?

A jogatana tinha lugar esporadicamente de dia e frequentemente à noite, sobretudo às sextas-feiras, com longas sessões que se esgotavam nos braços

► continua na página seguinte

## PARAOLÍMPICOS "Livro dos Louros – Atenas 2004"

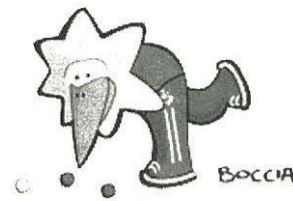
A Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes realizou, no passado dia 14 de Dezembro, a apresentação pública do "Livro dos Louros – Atenas 2004", no Pavilhão Negro do Museu da Cidade (Campo Grande).

O presidente da FPDD, tenente-coronel António Neves, conhecido associado da ADFA, afirmou a este respeito que "o Livro dos Louros – Atenas 2004 retrata o que foi a presença da Missão Paralímpica de Portugal em Atenas quer sob o ponto de vista desportivo quer no que diz respeito à representatividade nacional e aos aspectos sócio-culturais.", acrescentando ainda que "através das imagens e de algum texto, este livro é o testemunho do que foi a brilhante e prestigiante presença portuguesa em Atenas, sob a

responsabilidade do Movimento Paralímpico de Portugal e da FPDD."

Cumulativamente, a FPDD celebrou o seu 17.º aniversário neste mês de Dezembro, assinalando a data com a entrega dos troféus Super Atleta, tendo a equipa responsável pelas nomeações distinguido "as entidades ou personalidades que ao longo do ciclo paralímpico anterior se salientaram pela sua prestação, contributo ou dedicação à causa do Movimento Paralímpico, à FPDD e ao Desporto para cidadãos portadores de deficiência".

A ocasião foi também aproveitada para o lançamento do "Projecto SuperAtleta Pequim 2008", sobre o



EQUITAÇÃO



qual o dirigente fez um apelo a todos os presentes, lembrando, e passamos a citar, "o desafio que temos pela frente é enorme e não o queremos abraçar sozinhos. Desafiamos a comunidade nacional, as entidades públicas e privadas, o tecido empresarial, os agentes da cultura, da economia, das artes e do desporto e a comunicação social a partilharem connosco esta aventura, proporcionando meios e condições que nos permitam seguir a rota até Beijing".

No lançamento do "Livro dos Louros – Atenas 2004", cerimónia que contou com apoio da Câmara Municipal de Lisboa, estiveram presentes diversas entidades e figuras públicas do panorama nacional, tendo a ADFA sido representada pelo 3.º secretário da DN, na medida em que ele próprio integrou a comitiva portuguesa ao Jogos de Atenas.

sobre texto da FPDD



## Sinal beirão

Há muitos anos que venho alertando, dizendo que o associativismo vive numa mentira ou trapalhada. Ao rever alguns dos meus artigos de opinião, publicados ou não, vejo como estreito e apertado é o tempo!

Nunca tive qualquer dúvida como é difícil sobreviver sem importantes investimentos na formação, a todos os níveis, na ADFA e na requalificação das infra-estruturas, nomeadamente da Sede, das delegações e dos núcleos, seguindo um caminho certo e seguro.

Na celebração dos diversos 25 de Abril, desde o de 1974 que pôs fim ao colonialismo, à guerra, à escravidão, a mais e mais deficientes de guerra, a que podemos juntar os diversos aniversários da ADFA nacional e das suas delegações, com promessas e mais promessas do fim da escravidão (mas a que se seguiram outros tipos da mesma), a verdade é que não se cuidou de

abrir mais a ADFA à sociedade, às instituições e ao Governo, apesar do muito que foi feito, sempre preservando a sua identidade, no reconhecer e protagonizar a Associação.

Se o Governo e os seus ministros não vêm à ADFA, então a ADFA vai ter que ir ao Governo apresentar as suas razões jurídicas, sociais, laborais, de assistência familiar e outras, numa abertura plena, de forma a que não seja preciso impor nada para fazer cumprir o quadro legislativo, garantindo os direitos adquiridos e a adquirir, em todas as suas vertentes.

Acresce que a ADFA são todos os seus associados, que querem ver naqueles que gerem a sua Associação pessoas responsáveis, credíveis, com imaginação para fazer e desencadear acções de sensibilização e de direito, gerando nos responsáveis governamentais um compromisso na garantia de que todos os deficientes das

Forças Armadas tenham pão, leite, peixe e um naco de carne para o seu sustento, acabando de vez com a escravatura e a luta pela sobrevivência. Não esquecer o que aconteceu aos deficientes da guerra de 1914/18.

Neste cenário, os Governos e os governantes não devem tremer nem ter medo, mas se não são capazes de cumprir as suas promessas, não devem articular meras palavras de ocasião, com promessas vãs, deitando tudo para o caixote e governando a "fazer de conta". Se não são capazes de fazer nada, então entreguem o poder a outros que pugnem pelo direito e sobrevivência das instituições e das pessoas que representam. Tanta conversa, tantos cortes ameaçadores nos direitos adquiridos na assistência médica e outros, tanta falta de actualização aos direitos que todos os DFA têm, tanta falta de sensatez, é de facto gritante. Até quando?...



► continuação

da aurora. Os "desinfelizes", deserdados da sorte, que sentiam o desconforto dos bolsos aliviados, interrogavam-se intimamente, incrédulos, sobre o porquê da falta de juízo da estroina moleirinha. Então não permitiu que ficassem depeçados que nem patos? Mas, mesmo na adversidade, havia Senhores que não perdiam o sentido de humor e é caso para reconhecer que a máxima que assevera que nunca faltou miséria ao miserável nem dinheiro ao extravagante tinha ali alguma visibilidade, quando alguém, azarado, ridicularizava a situa-

ção com a brincalhona frase avarenta: "nós os americanos pagamos em dólares e recebemos o troco em volkswagens!"

Apreciado, que nem ginjas, era o vinho sorvido do pipo, quando havia, através de sifão (vulgo telefonema para o «Puto»), acto consentido à sorrelfa por cortês e popular guardião do depósito de géneros.

O desporto manifestava-se em esforçadas e suadas partidas de futebol, onde pontificavam os amantes da modalidade e os que porfiavam em manter ou perder peso. A natação, por muito aprecia-

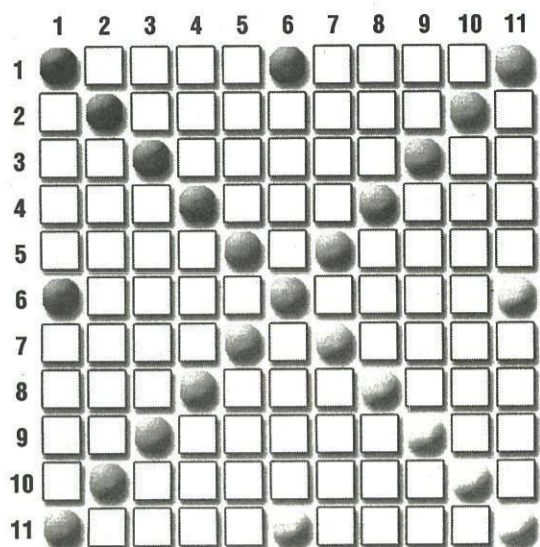
da, era particularmente concorrida onde era possível praticá-la. Outros exercícios físicos eram geralmente ignorados, bem bastava o esforço despendido nas matas e nas picadas.

Constituíam o meio social outra condicionante importante. A mera presença da sociedade civil atenuava contingências castrenses. Que o digam os que, sujeitos a situações de maior isolamento, descobriam, após a experiência, o significado gratificante conferido pela simples fruição da liberdade de poderem aceder ao vulgar trato com lavadeiras e afins.

Mui sábia é a exortação pacifista: faz amor, não faças a guerra! Só que resultava inobservável. É que acabar com a guerra não dependia da vontade do povo dos que nela foram, involuntariamente, envolvidos nem deles. Os direitos de cidadania, amputados, não consentiam voto na matéria, pelo que prevaleciam os designios dos políticos que a impunham, apoiados nos que dela sacavam vantagem. Quanto a fazer amor, em termos de aceção restrita, era hipótese de veras remota naquelas paragens.

João Santa Rosa,  
associado n.º 12164

## Palavras Cruzadas



**HORIZONTAIS** 1 - Viajar pelo ar; finalidade. 2 - Dançava. 3 - Anno Domini; maluca; bromo (s.q.). 4 - Marca de camiões; senhora (abv.); povoação nortenha. 5 - Aniversário; árida. 6 - Tribos; sova. 7 - Enchido; vulcão siciliano. 8 - Primeira mulher; parte; rio da Suíça. 9 - Batráquio; festa; pelo de animal. 10 - Festa fora de horas. 11 - Origem.

**VERTICAIS** 1 - Maga; fruto. 2 - Bailava. 3 - Rio da Sibéria; festa; atadura. 4 - Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho; saudável; fim do rio. 5 - Cursos de água; peça de vestuário. 6 - Toca; atraíção (inv.). 7 - Fruto; enraivecer. 8 - Nome de mulher; consta; nome de mulher. 9 - Basta!; comemoração; nesse lugar. 10 - Festa pagã. 11 - Espécie de pão; lavar.

## Sudoku

8			6	1				9
				5	9			7
			7		3	1	2	
5		7	1	4	6	2		
2	6		8			5	4	
	4	1	2					8
		8	3	2		6	7	
1		6		7		8		3
	3				8		1	2

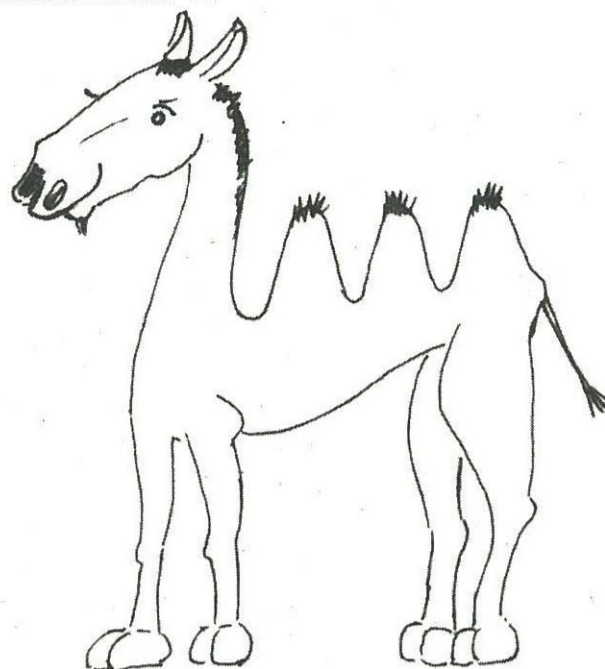
### NOVOS ASSOCIADOS

Dando cumprimento ao estipulado no n.º 4, do Art.º 8, dos Estatutos da ADFA, publica-se a relação dos candidatos a sócios efectivos

Angelina Beatriz dos Santos Couto Mesquita  
 Alzira Lima da Costa Santos  
 António Abílio Medeiros Moreira  
 António Marinho  
 Aristides Soto d'Assis e Brito  
 Artur Antunes  
 Benilde Pereira Alves Santos  
 Cecília de Jesus Figueiredo  
 Clara Maria Rodrigues Freitas da Encarnação  
 Eduardo Alberto Gama de Oliveira  
 Fernando Gomes Fernandes  
 Flávio Ferreira dos Santos  
 Francisco Felismina Grácio  
 Laura Rocha de Oliveira Marques  
 Joaquim de Sousa Silva  
 Jorge de Campos Rodrigues  
 José Manuel Páteo Barreira  
 Manuel Ferraz Tarrafa  
 Manuel Retílio Gomes Monteiro  
 Manuel Teixeira Branco  
 Maria Alves Pereira de Carvalho  
 Maria Clementina Vilaça Augusto Pires  
 Maria da Graça dos Ramos Faria  
 Maria de Fátima da Silva Sampaio Raimundo  
 Maria de Jesus Costa  
 Maria Emília Martins Miranda Pias  
 Maria Fernanda Rosa  
 Mário Vitorino Quaresma  
 Nuno Manuel  
 Nuno Manuel Antunes Costa  
 Palmira Ferreira Jordão

## Espaços abertos

### ANIMAIS RAROS E INTERESSANTES



NO ME CIENTÍFICO:  
 CAMELLUS LUSITANICUS

NO ME VULGAR:  
 CAMELO DE TRÊS BOSSAS

PRECISA DE TRÊS BOSSAS PARA FAZER O QUE OS OUTROS FAZEM SÓ COM UMA OU DUAS

## Opinião

### Carta Aberta ao Senhor Presidente Mário Soares

Os graves acontecimentos do passado dia 11 de Dezembro em Braga, nomeadamente os insultos de que Vossa Excelência, senhor Presidente, foi vítima, não podem deixar de merecer uma pública tomada de posição.

Não estranhe Vossa Excelência o título de Presidente; ele pertence-lhe por direito, se bem que, com a humildade que se lhe reconhece, não goste que o utilizem.

Para além da liminar rejeição do insulto, da agressão ou do atentado como arma política, não posso olvidar que Vossa Excelência deu a honra de visitar a Associação dos Deficientes das Forças Armadas, a que me orgulho de pertencer, e que condecorou com a Ordem do Mérito.

Por tudo isso, as palavras proferidas por Vossa Excelência comentando o incidente, e a que tivemos ocasião de assistir quase em directo, não podem deixar de nos preocupar. Disse Vossa Excelência que se trataria de um "atrasado mental", contra o qual, magnanimamente, não desejaria qualquer acção judicial, embora ninguém lhe negasse legitimidade para o fazer.

O problema está em que os atrasados mentais não são apurados para o serviço militar, e como tal o diagnóstico de Vossa Excelência estará errado. Se aquele homem estava perturbado, é talvez porque do tempo do cumprimento do serviço militar lhe ficaram sequelas que agora se manifestam. Sequelas essas semeadas nas matas e bolanhas de África, adubadas com a ausência de qualquer apoio psicológico, regadas com o ostracismo a que foram votados os ex-combatentes regressados, e agora desorientados com as atabalhoadas medidas que se vão tomando sobre a

contagem do tempo de serviço ou sobre o stress de guerra.

É que, senhor Presidente, só agora existe (felizmente!) apoio psicológico para os nossos militares destacados em missões perigosas em longínquas paragens...

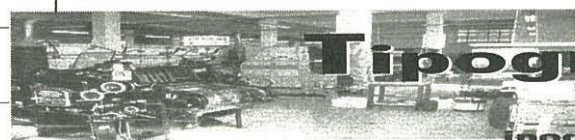
Reconheço em Vossa Excelência um grande opositor à Guerra Colonial, de que foram vítimas tantos portugueses e os agora cidadãos de outros países, e com a qual não teve felizmente nenhum contacto directo. Talvez por isso, não terá Vossa Excelência a sensibilidade que têm os que foram directamente atingidos pela guerra, ou mesmo os indirectamente atingidos, como os familiares dos antigos combatentes. Mas penso também reconhecer no Presidente Mário Soares o humanista que, como S. Paulo, tem por lema amar os homens e odiar o erro.

Das próximas eleições pode bem sair Vossa Excelência como o Presidente de todos os portugueses. E nesses todos estão também cerca de um milhão de antigos combatentes, mais as respectivas famílias. Bem pode dizer-se que a Guerra Colonial afectou (e afecta ainda!) um quarto da população portuguesa, e já houve (e vai havendo) quem disso queira tirar dividendos. Aliás, das próprias palavras e atitudes do seu agressor tirou decerto Vossa Excelência a prova do que digo.

Espero eu, esperamos todos de si, senhor Presidente, no activo de Belém ou na reserva da República, o apoio e a consideração por uma geração marcada que merece mais que um atestado de mentecapta.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência os meus cumprimentos.

José Nuno da Câmara Santa Clara Gomes



**Tipografia Escola da ADFA**  
 Todo o tipo de Artes gráficas  
 Fotocomposição • Offset • Montagem • Serviços

Largo do Outorinho de Amendoeira (ao Campo de Sta. Clara) 1100-386 LISBOA  
 Tel.: 21 882 24 80/1/2/3 Y Fax: 21 882 24 86



Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Director: Fernando Cardoso  
Propriedade: Associação dos Deficientes das Forças Armadas  
Administração e Redacção: Av. Padre Cruz - Edifício ADFA  
1600-560 - Lisboa  
Telefone: 21 7512600 Fax: 21 751 2610  
E-mail: jornal.elo@adfa-portugal.com  
Internet: http://www.adfa-portugal.com



## ELO agradece...

O director e restante pessoal do ELO agradecem e retribuem com amizade, desta única forma, os votos de **Boas Festas** e de um **Feliz Ano Novo** que lhe foram endereçados pelos seus leitores e amigos

## Informação ADM

Ministério da Defesa Nacional  
Instituto de Acção Social  
das Forças Armadas  
Assistência na Doença aos Militares  
das Forças Armadas  
Circular 1/2005: Informação aos  
Beneficiários ADM

Exmo.(a) Senhor (a),

1. Como é do conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup>, através da resolução do Conselho de Ministros n.º 102/2005 foi decidido proceder à convergência dos diversos subsistemas de saúde públicos com o regime geral da assistência na doença aos servidores civis do Estado, efectuada no âmbito da Direcção-Geral de Protecção Social aos Funcionários e Agentes da Administração Pública.

2. Nessa conformidade, o Decreto-Lei n.º 167/2005, de 23 de Setembro, veio estabelecer um novo regime jurídico para a assistência na doença aos militares das Forças Armadas, sujeitando-a a um regime paralelo à ADS e fundindo os actuais subsistemas num único.

3. Assim, na sequência da publicação do diploma supracitado, serão extintos em 31 de Dezembro de 2005 os actuais subsistemas de saúde específicos de cada Ramo das Forças Armadas (ADMA; ADME; ADMFA), sendo criado em sua substituição o sistema de Assistência na Doença aos Militares das Forças Armadas (ADM), cuja entidade gestora é, nos termos do art. 15.º do referido Decreto-Lei, o Instituto de Acção Social das Forças Armadas (IASFA).

4. Não sendo possível ao IASFA, neste curto período de tempo, adaptar todas as suas estruturas e processos a esta nova função, foi superiormente aprovado que, embora o IASFA assumira a responsabilidade da gestão da ADM, serão os Ramos a manter as rotinas funcionais.

5. Na fase transitória importa a todos os Beneficiários conhecer que:

a) Os actuais Cartões emitidos pelas ADMA, ADME, ADMFA terminam a sua validade em 31 de Dezembro de 2005 (independentemente do prazo de validade neles inscrito);

b) Durante o período transitório, para obter o acesso à ADM, será necessário que cada Beneficiário apresente junto das Entidades prestadoras de actos ou serviços médicos ou na aquisição de medicamentos, o CARTÃO CREDENCIAL em anexo A, a esta Circular, e que em devido tempo será substituído por título definitivo;

c) Os Beneficiários Titulares dos Ramos previstos no n.º 1 do artigo 4.º serão automaticamente inscritos como Beneficiários da ADM;

d) Os beneficiários titulares ao abrigo do n.º 2 do artigo 4.º do Decreto-Lei 167/2005, de 23 de Setembro deverão, caso desejem manter a situação de beneficiários da ADM, devolver, devidamente preenchido, o respectivo boletim de inscrição - anexo B;

e) Os beneficiários familiares ou equiparados, deverão devolver, devidamente preenchido, o boletim de inscrição - anexo B;

f) Os cônjuges dos beneficiários titulares, ou que com eles vivam em união de facto, nos termos da Lei 7/2001 de 11 de Maio, deverão ainda enviar, devidamente assinada, a declaração que se junta em anexo C, atestando que não são beneficiários titulares de nenhum outro subsistema público de assistência na doença, ou, pelo contrário, deverão proceder à devolução, de imediato, do cartão credencial enviado. Salienta-se ainda que, caso seja titular de outro subsistema público de assistência na doença, que nos termos da lei permita a opção pela ADM, e tenham exercido esse direito deixando de ser beneficiários desse subsistema, deverão apresentar declaração comprovativa da entidade gestora do subsistema em questão;

g) Os documentos supra referidos deverão ser enviados ao Ramo do beneficiário titular, no prazo de noventa dias a contar da recepção da presente circular.

6. Mais se informa que, a utilização indevida do Cartão Credencial responsabiliza o seu titular nos termos da lei, e que, para eventuais esclarecimentos adicionais, poderão ser contactados os serviços ADM dos respectivos Ramos.

IASFA, em 17 de Dezembro de 2005

Anexos: A - Cartão Credencial  
B - Boletim de inscrição (pode ser fotocopiado se forem necessárias cópias adicionais)  
C - Declaração de que não pertence a outro subsistema público de assistência na doença

Chamamos a atenção para as páginas 8 e 9, assim como para a notícia da página 13, que contém mais esclarecimentos referentes a este assunto.

## Editorial

### Essência do Natal

Depois de riscar várias linhas onde não fui capaz de responder-me à questão da verdadeira essência do Natal, respigo da angustia o desejo, o mesmo que Cristo professou, de ver a solidariedade tão presente entre os homens, que os ritos comemorativos de hoje pudessem confundir-se na vida de amanhã.

Ano Novo.- Recomeçar tudo com um grau de exigência maior. Exigirmos de nós mais excelência, pode ser um bom princípio orientador, tanto na acção dos que escolhemos para nos representarem, como na observância crítica das consequências daí resultantes.

Recomeçar representa sempre um novo capital de esperança.

Esperança de alterar o que não tem corrido bem, de ver reconhecida a justiça dos nossos anseios na correcção das injustiças que nos cometeram, mas, para tal, é indispensável um clima de gente séria, responsável e tão solidária, que faça perceber à gente dos anos velhos como, pela persistência, lucidez e unidade, é possível manter seguro esse capital.

A Esperança é o sentimento que melhor identifica o sentido eterno da Humanidade.

Fernando Cardoso



## Comunicado 2 MAGN

A MAGN informa que no dia 20.12.05 recebeu um pedido de convocatória de uma Assembleia Geral Nacional Extraordinária, subscrito por 109 associados.

Pretendem os subscritores que a AGNE a convocar análise e tome medidas sobre o memorando da DN de 8 de Junho passado enviado ao senhor 1.º ministro e se pronuncie sobre "Nulidade da decisão do Conselho Nacional de 24.09.05 em que suspendeu a delegação de Lisboa".

A MAGN não dispôs de tempo suficiente para a análise e decisão sobre o pedido de convocação da AGNE, uma vez que este só lhe chegou, como se escreveu, no dia 20.12.05 e o jornal ELO está a encerrar hoje, dia 22.12.05.

Deste modo a MAGN só na próxima edição do jornal ELO procederá, ou não, à convocação da AGNE solicitada.

Lisboa,  
22 de Dezembro de 2005  
A MAGN



## RENAULT

- ▶ O salão de exposições é gigante: 2500 m2.
- ▶ O horário de atendimento é enorme.  
8h - 20h durante a semana  
9h - 19h ao fins-de-semana
- ▶ O horário da oficina é igualmente grande.  
8h - 24h durante a semana  
8h - 18h ao sábado
- ▶ No grande centro de ensaios cabe toda a gama.
- ▶ O serviço de assistência e desempanagem tem o maior horário possível: 24h por dia.

Atendimento Cliente: 800 203 157

## RENAULT CHELAS Tudo Por Si.

R. Dr. José Espírito Santo, Lote 11-E - 1900-672 LISBOA  
Tel.: 21 836 14 00 Fax: 21 836 14 91  
Av. da Liberdade, n.º 33 - 1200-139 LISBOA